SIGNUM FIDEI

Irmãos das Escolas Cristãs

Limitados Frágeis Livres

La Salle

Irmãos das Escolas Cristãs

Limitados. Frágeis. Livres.
Carta Pastoral à Família Lassalista

Ir. Armin A. Luistro, FSC

Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs
Escritório de Informação e Comunicação
Casa Generalícia, Roma, Itália

25 de dezembro de 2023

Tradução do texto original em Inglês:
Hno. Agustín Ranchal, FSC

Tradução do texto em Espanhol:
Ir. Hugo Bruno Mombach, FSC

*Texto original en inglés

ROMA, ITALIA
FRATRES SCHOLARVM CHRISTIANARVM
CASA GENERALICIA

Made in Indivisa Font
indivisafont.org

IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS

Limitados Frágeis Livres

CARTA PASTORAL À FAMÍLIA LASSALISTA

Ir. Armin A. Luistro, FSC

ROMA, 25 DE DEZEMBRO DE 2023

La Salle

Índice

Limitados. Frágeis. Livres. 2

Os começos, 1680 4

01. › Weng-Weng 13

02. › Nos bastidores 18

03. › Discórdia inseparável 22

04. › A escuridão decrescente 27

05. › Caminhar sobre a água 31

06. › Mordendo a mão que alimenta 35

07. › Batom vermelho 40

08. › Patriotas no exílio 45

09. › Kiotsuke 49

10. › Saneamento ambiental 53

11. › Atiquifobia 56

12. › Eles/Nós 61

13. › Presença ausente 66

14. › Estação seca 70

15. › Tempo da ancianidade 75

16. › Guerra e paz 81

2023 do ponto de vista de um verme 86

Mensagem do Papa Francisco aos Lassalistas 96

Notas bibliográficas 98

Limitados. Frágeis. Livres.

O Evangelho deste dia nos diz que os pastores foram a toda pressa a Belém e encontraram Maria e José, e o Menino deitado num presépio. E, tendo-o visto, reconheceram o que se lhes havia dito. Depois, voltaram glorificando a Deus por todas as coisas que ouviram e viram.

Nada atrai tanto as almas a Deus como o estado pobre e humilde dos que querem levá-las a Ele.

Por que foi que os pastores louvavam e bendiziam a Deus? Foi porque tinham visto um pobre menino deitado num presépio; porque, vendo-o, reconheceram, por luz interior com que Deus os iluminou, que esse menino era verdadeiramente seu Salvador e que a Ele é que deviam recorrer para retirá-los da miséria de seus pecados.

Ficai bem certos de que, quanto mais vos apegardes de coração à pobreza e a tudo o que pode vos humilhar, tanto mais fruto produzireis nas almas. Tanto mais também os anjos de Deus vos farão conhecidos e inspirarão aos pais e às mães que vos enviem seus filhos para serem instruídos. Tanto mais ainda podereis tocar, por vossas instruções, os corações destes meninos pobres, e fazer com que a maioria deles se tornem verdadeiros cristãos.

Se, porém, não vos assemelhardes a Jesus recém-nascido por essas duas qualidades eminentes, sereis pouco conhecidos e procurados. Os pobres não vos amarão, nem estimarão. Nunca podereis exercer a respeito deles a qualidade de salvadores, como convém em vosso emprego. Só na medida em que fordes semelhantes a eles e ao Menino Jesus podereis atraí-los a Deus.

Meditacão de São João Batista de La Salle
para o dia 25 de dezembro
Festa do Natal de Jesus Cristo

Os começos, 1680

Nos alicerces de nossa história lassalista, encontramos fissuras profundas que poderiam rapidamente destruir as esperanças de qualquer sonho de um mundo melhor. Crianças em risco. Famílias desestruturadas. Países em guerra. Desigualdade social. Falta de recursos. Educação ineficaz. Falta de bons professores. Desarmonia eclesial. Esse não parecia ser o cenário ideal que, há mais de três séculos, inspirou um grupo de Irmãos a dedicarem toda a sua vida à educação de crianças pobres.

No entanto, consideremos que essas mesmas fissuras e imperfeições deste lado do céu nos permitem assemelhar-nos aos pobres e, mais significativamente, a Jesus em seu nascimento.

O Fundador sempre teve consciência dessa vulnerabilidade – em condições às vezes dentro e às vezes fora de seu controle –, bem como da fragilidade da nova família com a qual ele escolheu se associar[1].

Houve conflitos que levaram o Fundador a abrir mão de sua autoridade sobre o Instituto. Houve tensões e problemas provocados na comunidade dos Irmãos por causas externas e internas. A consolidação final dessa obra de Deus não se deu por meio de vitórias constantes em direção a um grande triunfo no final da vida de De La Salle. Em vez disso, ele entendeu que o que começou em uma encarnação radical estava destinado a levar a um esvaziamento total (*kénosis*).

Como em muitas situações geopolíticas do mundo atual, não podemos ignorar o fato de que, à medida que a França avançava para se tornar a potência dominante na Europa do século XVII, seus cidadãos tiveram de pagar um preço bem alto.

João Batista tinha conhecimento de primeira mão desses problemas sociais angustiantes; ele poderia ter aproveitado os vínculos de sua família com a hierarquia eclesiástica e outros líderes influentes para proteger seus interesses. No entanto, nosso Deus amoroso, com laços de amor, o atraiu a um caminho menos transitado. Podemos ter mais empatia com as adversidades que ele teve que suportar, e valorizar o impacto contracultural que significa sua decisão de romper com as expectativas familiares e sociais, se nos lembrarmos das condições imperantes na sociedade do final do século XVI: [2]

Após 40 anos de guerras civis, a estrutura social estava repleta das piores desordens; a prática da religião havia sido progressivamente abandonada. Em todos os níveis da hierarquia católica, formada por homens da classe alta, ocorriam todos os tipos de intrigas e cumplicidades para manter privilégios e obter promoções para um status mais elevado e maiores benefícios econômicos.

Em seu comentário sobre a meditação do Fundador para o dia de Natal, o Irmão Miguel Campos relaciona a história do Natal com a espiritualidade que anima nossa missão educativa até hoje; uma espiritualidade que *"enfatiza a resposta ascética a essa cristologia, ou seja, a aceitação da pobreza e da humildade em imitação da kénosis de Cristo. De La Salle se preocupa em mostrar aos Irmãos como esse espírito é inteiramente relevante para seu labor educativo"*.

A simples menção de "resposta ascética" pode ser suficiente para desencorajar muitas pessoas hoje em dia, já que no passado a prática de infligir dor e sofrimento a si mesmo como um meio de dominar os desejos desordenados e terrenos era demais enfatizada. No entanto, o Fundador estava de olho em nossa missão educativa e nos convida a aceitar nossas fraquezas e limitações, bem como as inevitáveis dificuldades e desconfortos. Para ele, isso não é apenas parte do âmbito de quem buscam servir; são meios eficazes de acompanhar e incentivar a quantos foram confiados aos nossos cuidados.

Ele exorta os Lassalistas: *"Estejam unidos de coração à pobreza e a tudo o que possa humilhá-los, a fim de inspirar os pais a enviarem seus filhos para que os instruam. E que, por meio de suas instruções, vocês toquem o coração dessas pobres crianças... pois vocês somente os atrairão a Deus na medida em que sejam como elas e como Jesus recém-nascido"*.[3] São João Batista de La Salle nos convida a imitar o Cristo Menino em sua encarnação radical e a não ter medo de compartilhar a privação e a pobreza daqueles que permanecem à margem da sociedade.

Me parece que o melhor lugar para *sonharmos juntos, como Família Lassalista com diversas vocações*, talvez seja aquela pequena aldeia de Belém, onde uma criança frágil dorme em um presépio. Com os pastores e os animais da granja familiar, encontramos o Emanuel, Deus conosco. Adoramos em silenciosa contemplação a densa escuridão que envolve nosso mundo fragmentado, mesmo quando ouvimos atentamente a brisa suave que sussurra esperança. Aceitamos nossas fraquezas pessoais, institucionais e eclesiais, enquanto fixamos nosso olhar e nos maravilhamos com a Luz Eterna

que escolheu se revelar hoje como a estrela da manhã nascida em nossos corações.

Podemos tomar consciência da crise mundial da educação? Dispomos nossos corações para aprofundar nossa compreensão das mudanças desconcertantes de nossa Igreja e do mundo? Estamos em contato com as mudanças demográficas e com as crescentes ameaças à nossa Missão Lassalista? Ou preferimos viver no passado e exaltar os bons tempos de outrora? Preferimos negar a realidade atual e culpar outros grupos por nossas dificuldades? Devemos esperar lentamente que algum bálsamo mágico desça do céu para aliviar nosso estresse?

O 46º Capítulo Geral[4] nos convida a perceber nossa vulnerabilidade com os olhos da fé. Os Irmãos Capitulares reconheceram a necessidade de superar as vicissitudes da vida e dar novas respostas às necessidades do nosso tempo. A busca por novos caminhos surge do consenso de que simplesmente não podemos fazer mais do mesmo.

Se continuarmos a agir como até agora, estaremos sujeitos à extinção. Mesmo que nos isolemos do mundo exterior, não há garantia de que permaneceremos inexpugnáveis. Se acreditarmos que somos indestrutíveis por sermos grandes, poderosos ou influentes, seremos relegados a uma nota de rodapé na história. Já em sua fase preparatória, o mandato do Capítulo Geral *de construir novos caminhos para transformar vidas nos incentivou a viver a autenticidade de nossa vocação, a comunhão na diversidade e a solidariedade que nos sustenta em nossa fragilidade.* Também nos convidou a *tomar consciência de nossa vulnerabilidade pessoal e institucional..., aceitando nossos erros e pedindo perdão.*

Para sermos plenamente humanos, não precisamos esconder as rachaduras e fissuras, mas sim usar com distinção nossos caibros quebrados. Os Lassalistas vêm usando um símbolo que remonta ao brasão de armas dos ancestrais de João Batista. Ele faz referência aos ossos quebrados que padeceu Johan Salla em uma batalha travada pelo Rei de Oviedo; dessa forma, o símbolo dos caibros quebrados permaneceu com a Família Lassalista em todo o mundo.

Faríamos bem em nos basear em seu profundo significado para nós hoje. Nossa mortalidade e fragilidade humanas trazem a marca do Criador. Elas nos lembram que o trabalho que fazemos é o trabalho de Deus, e que o legado do Instituto deve ser para a glória de Deus, não para nossa glória pessoal. A partir de uma posição que excede a força divina, somos convidados a confrontar nossa mortalidade humana, as vulnerabilidades institucionais e as ameaças reais a nossas comunidades e obras educativas. Somos convidados a contemplar o tesouro de Jesus contido em vasos de barro com nossa própria vulnerabilidade, com nossos limites, com nossas fragilidades, com nossa própria pobreza. Como criaturas limitadas, feitas à imagem e semelhança do Pai Eterno, é de se esperar que possamos descobrir o poder oculto da impotência, que faz parte de seu atraente desígnio:[5]

O que a maioria de nós não compreende é que a vulnerabilidade também é a fonte das emoções e experiências que desejamos. A vulnerabilidade é a fonte do amor, do pertencimento, da alegria, da coragem e da criatividade. É a fonte da esperança, da empatia, da responsabilidade e da autenticidade. Se quisermos maior clareza de pro-

pósito ou vidas espirituais mais profundas ou significativas, a vulnerabilidade é o caminho.

O Fundador não tinha medo de se abandonar à vontade de Deus. De fato, São João Batista de La Salle se formou a si mesmo para não se deixar abalar por qualquer condição de vida em que se encontrasse. Ele exercitava essa capacidade lembrando-se da presença de Deus e cultivando o espírito de fé. Como Jó, ele entrou no mistério do sofrimento humano mergulhando no mistério de Deus: *"O Senhor me deu e o Senhor me tirou; bendito seja o nome do Senhor"* (Jó 1, 21). João Batista de La Salle sentiu que Deus o estava convidando diariamente, passo a passo, a crescer em graça e virtude.

Brené Brown, autora do best-seller do New York Times, passou pelo menos uma década pesquisando o poder da vulnerabilidade; ela fornece um excelente exemplo de como lidar com ela de forma constante:

Acordar todos os dias e amar alguém que pode ou não ser recíproco, cuja proteção não podemos garantir, que pode permanecer em nossas vidas ou partir sem aviso prévio, que pode ser fiel a nós até o dia de sua morte ou nos trair amanhã... isso é vulnerabilidade. O amor é incerto. É incrivelmente arriscado. E amar alguém nos deixa emocionalmente expostos. Sim, é intimidador, e estamos expostos a sermos feridos, mas você consegue imaginar sua vida sem amar e ser amado?

Nosso sonho compartilhado de tornar o mundo mais justo e mais livre, mais verde e mais agradável, não deve nos tentar a adquirir poder ou prestígio, nem nos pressionar a participar de uma competição ou rivalidade feroz em um mundo onde o vencedor leva tudo. A missão de construir o Reino de Deus na Terra não requer força militar, capacidade logística, perspicácia nos negócios ou mesmo privilégios eclesiásticos. Não devemos cometer o mesmo erro que os conquistadores do passado, que receberam a bênção papal para reivindicar terras e povos para a cristandade. O Papa Francisco já rejeitou este ano a Doutrina da Igreja sobre o Descobrimento, de 550 anos de antiguidade, repudiando mentalidades, visões de mundo, atitudes ou ações que reforçam a ideia de que um grupo ou indivíduo é superior a outro. O convite para encontrar meu irmão e minha irmã nas periferias é, ao mesmo tempo, o desafio de descobrir a verdade profunda sobre si mesmo, exatamente onde o ego natural é dono e senhor.

O trajeto para sair do orgulho corrosivo começa quando seguimos a estrela até Belém, quando refletimos sobre nossa mortalidade e aceitamos nossa fragilidade. Deitado em uma manjedoura, encontramos o Verbo feito carne que assumiu nossa condição humilde e se tornou semelhante a nós em todas as coisas, exceto no pecado. Aqui, no silêncio da noite, começamos a nossa peregrinação desde nossas zonas de conforto para o espaço sagrado da incerteza. O primeiro passo é dar o arriscado salto da fé que conduz à encarnação radical. O restante do caminho reforça a determinação de esvaziar-se totalmente: desprender-se do ego e permitir que Deus seja Deus! Nesse ato de entrega total, alcançamos a plenitude da vida e experimentamos a liberdade completa.

A seguir aparecem dezesseis cenas que eu gostaria de compartilhar com vocês; são 16 resenhas que nos conectam com experiências e histórias de pessoas reais, de carne e osso, violadas e com cicatrizes, todas elas correndo riscos. Elas perseveram como peregrinos em diferentes caminhos; nenhuma delas alcançou sua Terra Prometida. Elas lutam dia após dia com medos iminentes. Elas lutam com Deus em sua nudez. Vivem na liminaridade. No entanto, elas escolhem viver plenamente sua humanidade: **limitadas, frágeis, livres.**

01 Weng-Weng

PEQUENOS PASSOS EM DIREÇÃO A GRANDES SONHOS

Muitos apelidos filipinos são formados pela repetição de sílabas: *Jun-Jun, Mai-mai, Dodo, Jay-Jay, Noynoy, Renren, Tintin*. Alguns dizem que é uma forma de confirmar as características de uma pessoa, como charme ou simpatia. Para outros, é um sinal de afeto.

Weng-Weng é um apelido popular por essas bandas, mas também é o nome de um coquetel vermelho-rosa de aparência inocente, mas traiçoeiro. Os turistas inexperientes são advertidos a não tomar um segundo drinque, a menos que tenham reservado uma ambulância para a noite (pensando bem, *Weng-Weng* parece o som ululante de uma sirene de ambulância).

E para aqueles que atingiram a maioridade na década de 1980,

Weng-Weng também é o nome artístico de um ator filipino que já foi considerado "o menor astro de cinema da história do cinema".

Essas associações me vêm à mente quando penso em uma instituição de Manila, a Hobbit House. Depois de 45 anos oferecendo abrigo a pessoas anãs no país, além de conscientizar e educar filipinos e turistas em Manila sobre o nanismo, essa iniciativa inovadora infelizmente teve que fechar suas portas:[6]

"Pegue uma mesa", insiste o garçom baixinho enquanto me encosto no balcão. Sou recebido por um anão vestindo uma camisa azul-clara com um logotipo que diz _"The Hobbit House de Manila"_.

A sala vazia é feita de madeira escura com cheiro de naftalina velha. Parte da parede que leva ao bar é forrada com fotografias de celebridades posando com a equipe. Há histórias lendárias de Marlon Brando pedindo seus drinques na Hobbit House durante as filmagens de Apocalypse Now, o clássico de Coppola de 1979.

Pinturas fantásticas de hobbits do Senhor dos Anéis e desenhos de duendes verdes irlandeses adornam o palco. Estou aqui para ver um amigo que toca regularmente no The Hobbit House. O local é um rito de passagem para qualquer banda com versões de música ao vivo da cidade. O local, inspirado em Tolkien, afirma ser o único bar do mundo administrado por anões. Eles se orgulham de serem politicamente incorretos e, nas últimas quatro décadas, atraíram a curiosidade de viajantes e moradores locais.

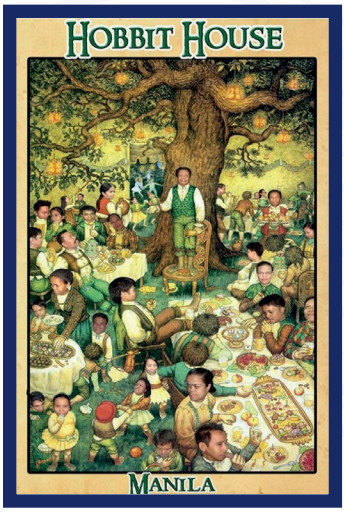
Fundado por Jim Turner em 1973, um ex-voluntário do Corpo de Paz de Iowa, a Hobbit House tem servido de refúgio para anões sem-teto que fogem das ruas caóticas de Manila e das feiras que os exploram. Eles recebem ofertas de trabalho decente como zeladores, garçãos, caixas e barmans.

Os anões se uniram porque perceberam que havia força nos números e que precisariam se apoiar mutuamente. Eles enfrentaram muitos desafios locais: o governo só os apoiava com um desconto de 20% em alimentos, medicamentos e transporte; as oportunidades de emprego eram limitadas a trabalhos de baixa remuneração, pois poucos tinham acesso a uma educação de qualidade; a conscientização sobre seus

problemas é limitada, os dados estatísticos não estão disponíveis ou não são confiáveis. E, é claro, a discriminação e o assédio ainda ocorrem; além disso, até metade do grupo não foi oficialmente diagnosticada com a doença.

Essa é a situação de muitos grupos marginalizados no mundo. Eles não têm nome nem voz. Assim como as mulheres e as crianças, as viúvas e os órfãos nos tempos bíblicos, eles não contam. E por serem invisíveis, seus direitos são deixados de lado e há poucos programas governamentais que realmente atendam às suas necessidades.

Assim, em 2017, junto com outros 30 defensores da conscientização sobre o nanismo, o grupo organizou e lançou a Big Dreams for Little People-Philippines Inc (BDLPP), *Grandes Sonhos para Pessoas Pequenas*. O financiamento é sempre restrito; eles contam apenas com a ajuda de amigos e familiares, enquanto lutam para criar um nome para si mesmos.



Eles também tiveram que enfrentar a atitude derrotista de muitas pessoas pequenas que se acostumaram à discriminação e têm pouco desejo de superar sua condição atual. Algumas se permitem ser usadas como objetos de entretenimento e acabam sendo exploradas por grupos com fins lucrativos que justificam seus empreendimentos como oportunidades de emprego remunerado para as Pessoas Pequenas.

Toinkee, sua incansável líder e fundadora da Big Dreams for Little People, continuará lutando pelas pessoas anãs como ela:

Apesar de todos esses conflitos e desafios, sinto-me inspirada, motivada e grata. A rede de organizações Little People (Pessoas Pequenas) em todo o mundo é um canal para nosso esforço coletivo na luta por nossos direitos e na reivindicação de nossos grandes sonhos. Nós podemos ser a mudança que queremos ver. Perguntas e dúvidas nunca estão longe, mas aprendi a entender e aceitar minha condição e, como resultado, a amar a mim mesma e as pessoas como eu.

02 Nos bastidores

"MINISTRARE": AUXILIAR, SERVIR

Não foi um dos melhores dias para um diretor de escola que estava fazendo sua estreia no cargo. Um caixa do Departamento de Contabilidade pediu demissão na sexta-feira antes da semana de provas. Como uma escola pública comprometida com a missão, a escola atendia a alunos de famílias de baixa renda. Era comum ver muitos alunos pagando no último minuto, pouco antes do prazo final.

O próprio diretor teve de intervir e supervisionar a operação do caixa, pois a fila de alunos estava ficando cada vez maior. Uma aluna se aproximou do balcão e pagou sua mensalidade com notas pequenas embrulhadas em uma sacola plástica reutilizada. Ele não teve a chance de falar com ela, mas a cena de todas aquelas notas pequenas o deixou com uma enxurrada de perguntas muito depois de as transações do dia terem sido concluídas.

Você economizou parte de sua mesada diária para pagar seus estudos? Abriu o cofrinho com as economias de sua vida porque seus pais não tinham condições de contribuir com a quantia necessária naquele momento? À medida que o prazo para o pagamento das mensalidades se aproximava, quantas noites sem dormir ela passou preocupada em saber de onde tiraria o dinheiro para continuar estudando?

Outros encontros ocorrem quando menos se espera. Certa tarde, o mesmo jovem diretor passou pela cantina da escola para tomar um lanche. Ele conversou brevemente com um dos garçãos, que lhe disse que alguns alunos pagaram por uma xícara de arroz no almoço e depois pediram o molho dos pratos no balcão. A xícara de arroz custava menos de dez centavos. O almoço deles pode não ter tido nutrientes suficientes, mas pelo menos os ajudou a evitar a fome e a continuar estudando.

Há vários anos, eu estava trabalhando em um cargo público no Departamento de Educação das Filipinas. Por prática, eu visitava as salas de aula sem avisar. Em uma delas, encontrei uma menina de uns 12 anos, claramente acima da idade para uma turma de sete alunos da segunda série. Ela estava agachada no canto de uma sala de aula sem eletricidade, com o livro didático quase tocando seu rosto, pois tinha muita dificuldade para ler as letras de um livro com a luz natural que entrava na sala. Ela estava se concentrando na leitura do texto designado pelo professor, mas era óbvio que tinha muita dificuldade.

Antes de sair daquela escola, perguntei à professora por que a aluna estava em uma classe para crianças de sete anos. A professora explicou que a aluna era uma leitora lenta, por isso foi designada para uma classe que correspondia ao seu nível real de capacidade. Eu lhe agradeci, mas lhe sugeri que encontrasse uma forma de a aluna ser examinada por um oftalmologista. Não havia especialistas desse tipo naquela cidade pacata; por isso, no dia seguinte providenciamos que a aluna e sua mãe fossem a uma clínica oftalmológica na cidade. Também encontramos um doador, que ficou feliz em cobrir os custos.

Muitos meses depois, recebi um e-mail do diretor da escola. Ele relatou que, com a orientação da clínica, eles haviam conseguido um par de óculos de leitura para a aluna, que custou cerca de 2,50 dólares, e que agora ela estava progredindo bas-

tante na leitura. Ainda fico com os olhos cheios de lágrimas ao me lembrar desse encontro, maravilhado com o fato de uma quantia irrisória poder fazer tanto para transformar a vida de uma pessoa.

Embora alguns possam considerar o tempo gasto pelos diretores ouvindo as preocupações pessoais de alunos e professores como "tempo perdido", esses momentos podem ser uma fonte rica de experiências kairós: encontros transformadores que podem abrir a mente ou o coração.De tempos em tempos, eles podem se tornar experiências que nos abalam até nossas raízes, no exato momento em que o significado de nossa vida muda ao passar de diretor de uma instituição modesta em uma província distante para ministro da graça de Deus, auxiliando e servindo seu rebanho:

Porque "certamente vocês ouviram falar do modo como a graça de Deus me foi confiada em benefício de vocês. A mim, o menor de todos os cristãos, foi dada a graça de anunciar aos pagãos a insondável riqueza de Cristo, e de esclarecer a todos como se realiza o mistério que desde sempre esteve escondido em Deus, o criador do universo" (Ef 3,2.8-9).

03 Discórdia inseparável

OS FILHOS DA PAZ, DO PAQUISTÃO A JERUSALÉM

Nascido e criado em uma família católica devota na antiga cidade de Mariamabad, no Paquistão, a escolha vocacional do Irmão Waseem pode ser vista como fruto de uma fé comunitária profundamente enraizada na cultura e na tradição locais.

Mais do que um santuário nacional para os católicos, Mariamabad atrai milhões de devotos, incluindo muçulmanos, hindus e sikhs. Os rituais e as histórias que compõem essa devoção mariana compartilham muitos paralelos com aqueles encontrados em outros santuários marianos no mundo inteiro. O denominador comum pode ser encontrado na profunda comunhão dos peregrinos com o objeto de sua devoção, nesse caso com a Mãe de Deus, e suas expressões espontâneas de amor usando práticas e tradições locais, muitas vezes sem qualquer tentativa de se adequar às liturgias ou doutrinas oficiais da Igreja. Durante a peregrinação anual a esse Santuário Nacional no Paquistão, devotos de diversas tradições religiosas se reúnem como povo de Deus, buscando se conectar com o Deus de muitos nomes por meio da intercessão de Maria, mas sem os muros usuais que

as instituições e as religiões constroem para separar os fiéis do restante dos ímpios e não redimidos.

A mesma recepção calorosa estendida a pessoas de outras tradições religiosas se reflete na Escola Santo Irmão Salomão em Ahmedabad. O Irmão Waseem é atualmente o diretor dessa escola primária com pouco menos de 350 alunos e 13 professores. A comunidade escolar é formada por alunos e professores cristãos e muçulmanos que compartilham o mesmo campus. *"Eu me sinto abençoado por estar nesta escola e agradeço a Deus por ter me chamado para participar da missão"*, diz ele.

Localizada em um dos bairros mais pobres da cidade, a escola Santo Irmão Salomão atende crianças desfavorecidas e abandonadas de famílias carentes dessa localidade. A maioria dos pais é analfabeta e não tem direito a empregos mais bem remunerados. A maioria deles só pode trabalhar como varredores ou diaristas por um salário baixo. Embora a maioria dos alunos

seja cristã batizada, o currículo da escola, desde o berçário até a 7ª série, promove explicitamente os valores da paz, da harmonia e da inclusão.

Os membros da comunidade escolar receberam com grande pesar e tristeza o trágico incidente ocorrido no início deste ano na cidade de Jaranwala. Eles denunciaram a multidão que incendiou igrejas e casas de cristãos, muitos dos quais eram de famílias pobres. Após o ataque, centenas de pessoas ficaram desabrigadas e indefesas. A notícia chocou muitos cidadãos comuns e ameaçou a frágil paz em muitas outras partes do país. As ameaças persistem, pois o incidente de Jaranwala não foi um fato isolado; houve vários ataques em outras cidades no passado contra minorias religiosas, especialmente cristãos. Santuários e igrejas foram destruídos e vandalizados pelas chamadas turbas relâmpago.

Desta vez, felizmente, houve muitos muçulmanos que se manifestaram publicamente em apoio aos cristãos perseguidos e se solidarizaram com aqueles que proclamaram a paz. Na Escola Santo Irmão Salomão, alunos muçulmanos e cristãos se uniram para arrecadar fundos para quem perdeu casas e pertences pessoais. Alunos e professores que conhecem a pobreza e as dificuldades de suas vidas contribuíram generosamente, testemunhando os ideais da escola de promover a paz e a

harmonia. É uma lição que vale a pena repetir para muitas outras gerações de Lassalistas nos próximos anos.

Recentemente, em uma visita às nossas escolas no Oriente Próximo, fui calorosamente recebido em Jerusalém por representantes do Colégio do Irmãos, que estavam celebrando os 150 anos da educação lassalista nessa cidade antiga e sagrada. Fiquei profundamente comovido com os comentários feitos por um aluno em relação ao evento, o que mantém viva minha esperança na possibilidade de se criar um mundo onde a paz reine nas mentes e nos corações dos homens e das mulheres, talvez desta vez com um pequeno empurrãozinho das crianças e dos jovens:

“Aqui em Jerusalém, não somos apenas uma escola; somos uma comunidade diversificada na qual muçulmanos e cristãos vivem e estudam juntos. Essa coexistência única é um testemunho dos valores de unidade, respeito e compreensão que constituem o cerne da educação lassalista.
Sua presença entre nós é um símbolo do compromisso da comunidade lassalista mundial em promover a fé, o serviço e a comunidade. Estamos muito felizes por tê-lo aqui e aguardamos ansiosamente sua sabedoria e

as percepções que compartilhará conosco durante sua estada.

Ao embarcarmos neste itinerário de intercâmbio cultural e experiências compartilhadas, esperamos que sua estada em Jerusalém seja edificante e enriquecedora. Nós o convidamos a mergulhar nas diversas tradições e costumes de nossa cidade, onde a história, a fé e a cultura convergem de uma forma verdadeiramente única.

Mais uma vez, seja bem-vindo à nossa escola lassalista em Jerusalém, onde abraçamos a diversidade, celebramos a unidade e continuamos a nobre missão de oferecer uma educação de qualidade enraizada na misericórdia e na fé".

04 A escuridão decrescente

ILUMINADOS COM SORRISOS

O Haiti é um país de beleza natural exuberante, banhado pelo azul do Mar do Caribe e pontilhado por montanhas escarpadas, rios e vales pitorescos. A paisagem muda drasticamente à medida que se viaja pelo país. Nosso itinerário incluía as cidades de Cap-Haïtien e Port-de-Paix, que ficam a pouco mais de 100 quilômetros de distância.

Mas a viagem por terra do porto de entrada até nossa base levou mais de dez horas, pois as condições da estrada não eram as melhores. Tivemos que dirigir por estradas que, em sua maioria, não eram pavimentadas ou precisavam de uma nova camada de concreto, com longos trechos que só podem ser percorridos por veículos com tração nas quatro rodas (4x4).

Estávamos animados para visitar as comunidades dos Irmãos e nossas escolas lassalistas, algumas das quais haviam sido fundadas poucas décadas atrás por missionários canadenses. Não nos queixamos, pois havíamos sido bem orientados e estávamos psicologicamente preparados para uma longa viagem. Além disso, contávamos com Irmãos que são excelentes motoristas, que conheciam o território e tinham passado por essas cidades em várias ocasiões. A surpresa foi que nossa viagem acabou se tornando uma verdadeira aventura todo-terreno, pois passamos por pedras e areia, poeira e cascalho, e um terreno que apresentava algumas passagens complicadas. No mínimo, todos nós permanecemos acordados com uma mistura de empolgação e ansiedade durante toda a viagem. De vez em quando, nos deparávamos com a visão exótica de algum paraíso escondido ou com um pôr do sol de tirar o fôlego sobre o mar, com um clarão de amarelos, laranjas e vermelhos que gradualmente se transformava em águas azuis profundas.

Estávamos quase uma hora a caminho até a comunidade anfitriã, quando vários observadores preocupados e passageiros de outros veículos tentaram chamar nossa atenção, apontando para nossa roda dianteira. Quando decidimos parar na beira da estrada, já estava quase anoitecendo. Para nossa consternação, descobrimos que o pneu dianteiro direito do carro estava completamente vazio. Poderíamos facilmente tê-lo substituído pelo sobressalente, mas, assim como nos filmes, ele estava preso embaixo do carro e não conseguimos tirá-lo, apesar das muitas tentativas.

Estava começando a escurecer e tivemos que usar as luzes dos nossos celulares para consertar o pneu danificado. Instantaneamente, nos tornamos o centro das atenções dos moradores e, em pouco tempo, várias crianças, adolescentes e adultos estavam se aglomerando ao nosso redor para ver como estávamos. Eles falavam crioulo entre si, faziam comentários e riam, ou simplesmente alimentavam sua curiosidade.

Levamos duas horas para consertar o pneu, com uma pequena ajuda de um morador local que acabou sendo nosso mecânico e nosso salvador. Tivemos bastante tempo para nos tornarmos íntimos de nossos novos conhecidos, muitos dos quais aprenderam a superar sua timidez natural e já se sentiam à vontade conosco. Com um grupinho aqui e ali, muitos sorrisos e apertos de mão, as barreiras foram rompidas e pudemos ser amigos. Para nossa surpresa, vários deles fizeram o possível para se comunicar conosco no pouco de francês, inglês ou espanhol que sabiam.

Eles começaram a nos perguntar sobre nossos países de origem, mas alguns também começaram a contar histórias sobre suas famílias ou a descrever seu trabalho e outras responsabilidades. Alguns se ofereceram para fazer algumas tarefas, e os demais pareciam dispostos a ajudar da forma como podiam.

Mas o que mais nos impressionou foram os sorrisos de muitos dos que vieram ver como nos encontrávamos. Na noite cada vez mais escura de um lugar desconhecido, enquanto esperávamos ansiosamente pelo conserto do nosso pneu danificado, seus sorrisos espontâneos e sinceros nos cativaram e nos tranquilizaram. “Na wè pita”, disseram quando estávamos indo embora. *“Até mais tarde”*, respondemos. Nós voltaremos a nos encontrar na terra dos vivos e seus sorrisos nos ajudarão a atravessar este vale de lágrimas.

05 Caminhar sobre a água

ABANDONAR A SI MESMO EM NOME DA FÉ

"Venha", disse-lhe Jesus. Pedro desceu do barco e começou a caminhar sobre as águas em direção a Jesus. Mas quando viu a violência do vento, ficou com medo e, começando a afundar, gritou: "Senhor, salva-me" (Mt 14, 29-30).

Às vezes, a experiência de Pedro se assemelha à experiência de nossas instituições: em vez de ventos e ondas, enfrentamos um número cada vez menor de alunos, dificuldades financeiras, rotatividade de funcionários e até mesmo o fechamento da comunidade local de Irmãos. Muitas vezes parece que somos apenas mais uma escola tentando ser competente.

Durante o ano passado, os responsáveis das Províncias ficaram profundamente preocupados com a sobrevivência de várias instituições lassalistas. Eles estão tentando acompanhar as pessoas responsáveis, algumas das quais estão trabalhando incansavelmente, com criatividade e tenaci-

dade, e outras estão procurando formas de reagir. Os dilemas são profundos; por exemplo, equilibrar a provisão de recursos financeiros com o fato de dizer que não podemos mais lidar com isso. Essas instituições são portadoras de legados, histórias, ex-alunos orgulhosos, investimentos emocionais e contribuições históricas para a evolução da Missão. Em alguns casos, trata-se instituições comprometidas com o serviço direto aos pobres, mas parece que esse compromisso é inútil. As águas estão agitadas. "Venha".

O que significa abandonar o barco nessas circunstâncias? Na memória que muitos de nós conhecemos, as palavras desafiadoras do Irmão Michel Sauvage podem nos ajudar a entender:[7]

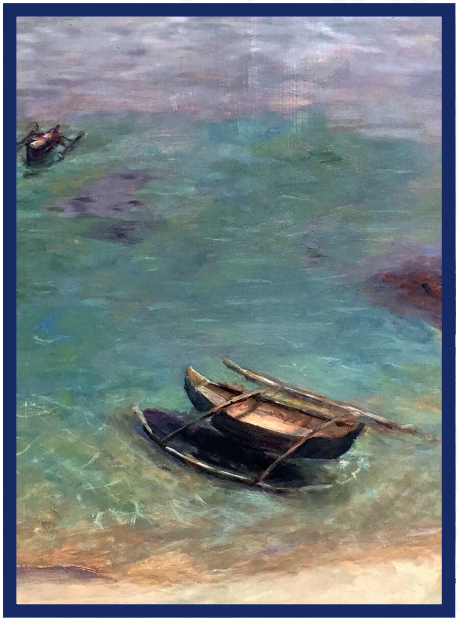
Com efeito, se a renovação no serviço aos pobres mobilizou muitos Irmãos, de forma global este continua sendo um Instituto de escolas. Passamos das escolas dos Irmãos às escolas dos Leigos Lassalistas, mas com a mesma visão. Não nos comprometemos realmente com a operação de retorno às fontes, de renovação, de redescoberta do que é, em profundidade, a nossa missão. Se partísse-

mos dos pobres de hoje, das necessidades atuais, teríamos um Instituto muito diferente, aquele com o qual eu sonho. Penso, de fato, que a intuição lassalista tem futuro e que essa intuição está inclusive entre aquelas que têm um futuro maior em uma Igreja renovada. Mas observo, ao mesmo tempo, que o Instituto, fisicamente, materialmente, está desaparecendo tal como se encontra. Não estou frustrado pelo fato de o Instituto estar desaparecendo, mas estou frustrado porque o movimento não está sendo impulsionado e conduzido pelos responsáveis.

Será que nossa institucionalidade nos paralisou, nos manteve no barco? As águas estão agitadas e permanecemos no barco esperando que a tempestade cesse e tudo permaneça intato (admito que é isso que prefiro!). Mas talvez sejamos convidados a um *"momento Pedro"*: dar esse primeiro passo a sair do barco, o que nos permitirá encontrar o Senhor ressuscitado que nos convida a algo novo, a algo diferente.

Isso é difícil. É doloroso. O barco tem sido nossa segurança e estabilidade. Agora, a tempestade persiste e devemos nos perguntar: corremos maior risco ficando no barco do que dando esse primeiro passo até as águas turbulentas do desconhecido, do novo, como reação às palavras de Jesus: *"Coragem, sou eu?"* Lembramos que nos foi confiada uma missão evangélica, e não a preservação de instituições? *"Senhor, salva-me!"*

Sair do barco não garante que todas as dificuldades sejam resolvidas. Não significa que vamos reconhecer claramente o novo caminho de transformação. Não significa que a instituição se renovará e que o barco sobreviverá. Não significa que as águas agitadas cessarão imediatamente. Certamente, às vezes, isso significará ter que acompanhar a morte para que uma nova vida seja possível. Nós também gritaremos as palavras de Pedro do nosso próprio jeito, ao tentarmos responder ao convite de Jesus. No entanto, será que esse "momento Pedro" é um convite para viver as palavras do artigo 6º de nossa Regra: "Na fé, os Irmãos se abandonam, como seu Fundador, a Deus que os conduz"? (R 6, f).



"Costa apacible"
33x28 cm.
Óleo sobre papel
Antonio del Rosario 2020

No final, talvez voltaremos ao barco. Mas um barco que será diferente, porque nós também desfrutaremos de uma vida nova para quantos hoje clamam por uma missão lassalista que vá ao encontro dos jovens, dos pobres, dos quebrantados, dos marginalizados, dos abandonados e dos sofredores, com o mesmo convite de Jesus: "Vem".

06 Mordendo a mão que alimenta

FRAGILIDADE E SOLIDARIEDADE

Eu estava trabalhando alegremente em uma escola lassalista bem consolidada no leste da Ásia quando fui convidado a considerar uma missão no Sudão do Sul. Nada menos do que por parte do Superior Geral. Minha resposta imediata foi sim. Respondi livremente. Foi um chamado dentro de um chamado. Aproveitei essa oportunidade de ouro porque gosto de me aventurar em caminhos desconhecidos. Sair de uma zona de conforto para um lugar desafiador é um momento de graça.

A iniciativa de reunir grupos de Igreja para colaborar em um projeto não é necessariamente um caminho bem trilhado. Lançada em 2008, a Solidariedade com o Sudão do Sul (SSS) é uma missão pioneira que reúne congregações

com diferentes carismas, comunidades religiosas com missões diocesanas, bem como fundações internacionais com organizações locais. O centro está localizado na bela cidade de Yambio, no estado de Equatoria Ocidental (no Sudão do Sul), conhecida por suas mangas, abacaxis e, segundo dizem, pelo melhor mel do mundo. Embora seja rico em recursos naturais, esse país recém-independente ocupa atualmente a última posição em todos os índices de desenvolvimento humano.

Em 2019, entrei para a comunidade formada por religiosas, religiosos e missionários leigos. Os membros vieram de sete países distintos e sete congregações diferentes. Além de ser inter-congregacional e internacional, a comunidade também é intencional, porque há um amplo espaço para viver e compartilhar a singularidade da formação cultural e do carisma de cada qual, e para aprender com a nacionalidade, o idioma, a comida, a religião, os esportes e os estilos de oração uns dos outros.

Diferentemente de estranhos que dividem o mesmo espaço, mas optam por não interagir uns com os outros, nós nos revezamos para cozinhar pratos diferentes: peruano, indiano, chinês, polonês, africano ou irlandês. Oramos juntos, compartilhamos as tarefas domésticas e tentamos cuidar uns dos outros. O apreço e o respeito pelas diversas culturas estão arraigados não apenas em nossa comunidade intencional, mas também são promovidos entre nossos professores e entre alunos e professores. A vida em comunidade exige grandes sacrifícios, pois há diferenças de personalidade e diferentes contextos profissionais. Entretanto, quando nos concentramos em um objetivo comum e em uma missão compartilhada, o amor, o cuidado e o apoio têm prioridade.

Desde que cheguei aqui, tomei consciência da pobreza da população e do papel fundamental da educação no desenvolvimento do país. Após décadas de guerra, seus cidadãos precisam aprender a sobreviver em meio a uma economia abalada, à paralisia política, às ameaças à segurança local e nacional e a numerosos desastres naturais. Nesse ambiente, a capacitação dos jovens pode ser seu único raio de esperança para o futuro. Caso contrário, é provável que eles acabem como as histórias conhecidas de hOmens jovens sem emprego, adolescentes grávidas, evasão escolar, casamentos forçados de meninas com homens muito mais velhos, mães solteiras com maior vulnerabilidade ou mulheres traumatizadas pela violência sexual e abusos domésticos.

Todos os alunos que chegam à nossa universidade têm uma história de partir o coração. Ex-crianças-soldados. Sobreviventes de estupro. Crianças de famílias desestruturadas. Dependentes de famílias forçadas a fugir. Todas pessoas traumatizadas.
Nossa missão não se limita à excelência acadêmica. Ofere-

cemos formação integral que contribui para curar as feridas psicológicas, além de treinamento em habilidades para a vida, para que possam desenvolver seus talentos inatos em esportes, na música e nas artes, no teatro, no artesanato, etc.

Embora acreditemos que tentamos oferecer aos nossos alunos o melhor serviço educativo, encontramos muitos obstáculos na missão, inclusive resistência e críticas por parte daqueles a quem apreciamos profundamente. Parece haver uma cultura crescente de direitos que se tornou uma grande ameaça à sustentabilidade do projeto. Desde sua criação, há 15 anos, tudo foi oferecido gratuitamente: pensão completa, livros didáticos gratuitos, material de uso pessoal e passagens aéreas de ida e volta para sua aldeia de origem. Os alunos esperam que os missionários estrangeiros tenham acesso a fundos ilimitados para cobrir suas necessidades básicas. Alguns se tornam facilmente hostis ou até violentos.

Recentemente, alunos, professores e funcionários entraram em greve por mais de duas semanas. Fui alertado de que um grupo de alunos planejava bater em mim e nas religiosas que exigimos o fim da greve.

Apesar da fragilidade da missão, não desistimos. Ameaças e insultos não me impedem de me juntar ao grupo de alunos às sextas-feiras para sua atividade de dança. Estou convencido de que eles ainda podem crescer, curar seus traumas e construir um novo futuro. Cada pequena conquista é um sinal de esperança para este frágil país dividido por diversos idiomas e tribos.

Quando encontro um graduado que olha para trás com gratidão pela formação que recebeu no centro e que mudou sua vida, minha fé em nossa missão educativa se fortalece. Quando vejo um jovem capaz de ir além dos limites de sua tribo e disposto a conhecer alguém de outro idioma ou cultura, minha esperança se renova. Quando um ex-aluno retorna para compartilhar a história de que as antigas lições na escola podem realmente contribuir para uma vida melhor para a família e a comunidade local, meu ânimo se eleva. Então, começo a sentir a mudança da fragilidade para a esperança.

07 Batom vermelho

DIGNIDADE E RECUPERAÇÃO ATRAVÉS DA BELEZA

O supertufão Haiyan de 2013, que devastou cinco regiões das Filipinas, causou estragos no sistema educacional do país. Naquela época eu ainda estava a serviço do governo e, embora tenha testemunhado um sofrimento indescritível na área, também tive o privilégio de conhecer heroínas e heróis entre nosso povo.

Não consigo esquecer minha visita a uma escola que foi completamente destruída. Lá encontrei uma diretora desarrumada com sandálias desparelhas, fazendo uma inspeção ocular em sua escola. Ela estava muito grata pelo fato de o governo nacional ter estado lá na primeira semana do desastre. Ela disse que havia perdido a casa da família e todos os seus pertences pessoais. Para aliviar o tom de nossa conversa, brinquei com ela em filipino: “Minha senhora, parece que perdeu tudo, mas não se esqueceu de pintar seus lábios”.

Ela olhou para mim e respondeu com muita seriedade: “Mas, Irmão, se eu voltar para a escola sem um sorriso e sem batom, os alunos poderão pensar que estamos tão quebrados que não temos forças para nos levantar novamente”.

Comprometi-me a coletar batons de doadores após cada desastre para distribuir aos professores e assistentes sociais nos centros de reabilitação. A resposta do público foi extraordinária: recebi mais de 123.000 batons para distribuir entre as professoras mais afetadas pelo super tufão.

Um colunista da imprensa local refletiu sobre a vida após a tempestade e escreveu[8].

"O Departamento de Educação [sabe] que não há tempo a perder e incentivou os professores a restabelecer rapidamente a normalidade na vida das crianças desabrigadas. Reunir as crianças todos os dias em uma área coberta improvisada, seguindo uma aparência de horário escolar, é um começo crucial para os alunos que, com toda a probabilidade, ainda estão tentando entender o desastre que causou estragos em suas vidas. Até mesmo o simples ato de limpar a área com os alunos é uma valiosa atividade comunitária compartilhada e um passo em direção à normalidade". As professoras precisam receber cuidados ou aprender a se sentirem bem, apesar da situação terrível. Como um raio de sol traz um toque de batom para si mesma e para o mundo ao seu redor."

Quando deixei o serviço governamental, trabalhei com uma organização não governamental e continuei com o mesmo pedido de batom, como parte de nosso pacote de ajuda para os desabrigados pelas frequentes calamidades que ocorrem anualmente nas Filipinas:[9]

Citando sua experiência após a devastação causada pelo super tufão Yolanda, o diretor executivo da Empresa Filipina para o Progresso Social (Philippine Business for Social Progress, PBSP em inglês), Rey Laguda, disse que fornecer aos evacuados meios para restaurar sua dignidade e elevar seu ânimo é importante durante os esforços de ajuda e reabilitação.

"Podemos fazer com que as professoras se sintam atraentes dando-lhes batom e maquiagem. Como resultado, o sorriso em seus rostos pode trazer esperança para os alunos", disse Laguda, ex-funcionário do Departamento de Educação. "Estamos pedindo doações de batom e maquiagem para 5.000 professoras voluntárias e trabalhadoras humanitárias da linha de frente. Esperamos que elas possam fazer parte desse gesto simples, mas significativo, de solidariedade, oferecendo dignidade por meio da beleza", acrescentou Laguda.

Uma congregação masculina de Irmãos em uma Igreja hierárquica pode achar divertido, se não totalmente irrelevante incluir esses produtos de beleza e cuidados femininos como parte de um programa de reconstrução de vidas. Tenho a sorte de ter conhecido muitas mulheres lassalistas que mu-

daram minha visão do mundo e de como podemos contribuir para sua cura. Muitas vezes, as intervenções mais simples são as mais eficazes.

Sonho com um Instituto onde as mulheres colaborem plenamente com os Irmãos e com todos os nossos Lassalistas comprometidos, trabalhando juntos e por associação em favor da Missão Lassalista. Que as mulheres possam colorir o mundo e revitalizar nosso carisma com brilho e alegria, simplesmente sendo elas mesmas e melhorando nossa missão compartilhada com o toque feminino.

Recordemos as palavras de Jesus às mulheres no sepulcro: *"Não tenham medo. Vão anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a Galileia. Lá eles me verão"*. Não tenhamos medo. Que as vozes das mulheres lassalistas proclamem que na Galileia encontraremos os últimos, os perdidos e os menores, mas também o Senhor ressuscitado do sepulcro.
Aleluia! Aleluia!

08 Patriotas no exílio

UMA ESPERANÇA QUE SE TORNA ETERNA

Quem é responsável pelo sangue derramado de nossos irmãos e irmãs? Eu não tenho nada a ver com os homicídios. Isso deve estar na consciência de outra pessoa. Certamente não na minha. Mas quando ninguém é culpado, todos nós somos culpados.

O inverno está se aproximando lentamente aqui na Europa; ver meu filho em um parque infantil me deixa feliz e me lembra que a vida é realmente pacífica e bela. Aqui está meu filho,

que acabou de fazer três anos, entende três idiomas e cuja principal preocupação é onde encontrar um novo inseto para brincar. Amo esta vida e sou grato por ela cada dia.

Entretanto, a mudança para o exterior não fazia parte do plano inicial. Não foi uma resposta à oportunidade de buscar melhores horizontes, mas uma fuga e uma negação dos contínuos desafios enfrentados em meu país de origem. Foi um esforço para deixar o desespero e a triste realidade em que nos encontrávamos.

Parecia que foi há muito tempo que estávamos nas ruas de Manila fazendo manifestações para que os inúmeros assassinatos parassem; quando cada dia as igrejas tocavam simultaneamente os sinos para exigir justiça; quando políticos e cidadãos estavam sendo eliminados, presos ou ridicularizados por sustentarem opiniões contrárias. Não faz muito tempo, multidões riam quando os líderes faziam piadas sobre estupro ou usavam termos degradantes e depreciativos contra as mulheres. Não faz muito tempo, o indefeso *Kian de los Santos*, de 17 anos, foi morto por policiais durante uma operação antidrogas enquanto implorava de joelhos: “Por favor, não! Eu tenho um exame amanhã”.

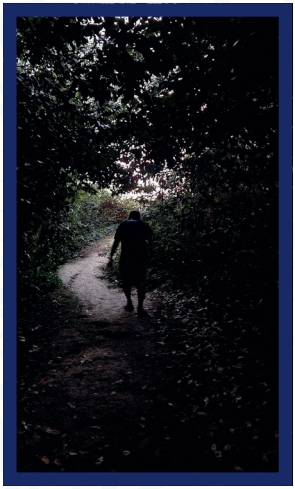
Me lembro que pedir a diversos líderes de organizações sociais, empresas, instituições religiosas e universidades que se manifestassem e fizessem algo mais. Continuei ligando para mentores e líderes respeitados, procurando soluções e ações que pudéssemos iniciar. Enquanto outros

tomavam providências, a maioria nos aconselhava a calar a boca e apenas orar. Eu me sentia em conflito, não só porque não conseguia mais reconhecer meu próprio país, mas também porque não podia mais reconhecer seu povo.

Em algum momento, perdi toda a esperança de que as coisas mudariam.

O desespero nunca fez parte do meu vocabulário. Meus colegas e amigos sempre me identificaram como otimista e inspirador, comprometido com as causas sociais e ambientais. Eu sempre dizia a mim mesmo que não podia desistir. Por muitos anos, estive convencido de que meus futuros filhos não conheceriam mais a pobreza porque não haveria mais pobres em meu país. Que eles não saberiam mais o que é um político corrupto porque não haveria nenhum. Que eu seria parte da solução e que nós seríamos a geração que veria essa mudança.

No entanto, naquele momento, eu me senti extremamente solitário. Muito desespero. A tristeza estava gradualmente se transformando em raiva. Eu não tinha outra solução a não ser ir embora. A decisão não foi fácil. Mas eu sabia que tinha de fazer o que era melhor para mim e para minha família. Além disso, eu não era o único. Houve todo um êxodo de pessoas fugindo, aquelas que tiveram a oportunidade ou os meios para sair. Alguns foram muito solidários e permitiram que continuássemos ajudando o país, apesar da distância. É verdade que outros zombaram de nós, até mesmo me chamando de “traidor” em um



determinado momento por aparentemente ter abandonado a boa luta.

"Patriotas no exílio", como alguns se referem a isso. Mas amar sua terra natal nunca teve a ver com distância ou nacionalidade. Nunca teve a ver com o quanto você doou ou o quanto serviu. Não se trata do número de comícios aos quais você compareceu, dos impostos que pagou ou das eleições em que votou. Trata-se de uma convicção profunda que sempre permanecerá com você, que sempre o deixará inquieto e o impulsionará a fazer algo pelo seu país, por mais simples que seja. Trata-se de como você continua chorando e comemorando, sofrendo e encontrando alegria, lutando e amando para melhorar o país. O amor pode ser abstrato e pragmático para qualquer pessoa, e também pode ser estendido e compartilhado apesar das circunstâncias de cada qual.

Olho para minha vida agora e vejo que há muito mais coisas pelas quais anseio. Esta terra estrangeira é um lar para minha família e para mim. Mesmo que meu filho não saiba nada sobre as dificuldades de nosso país agora, ele sempre saberá que amamos nossa terra natal.

Ouço sua risada, suas frases em filipino, perguntando quando será nossa próxima visita a Manila. Olho para ele e vejo tanta alegria em relação ao futuro e que, onde quer que estejamos, continuaremos a amar e apoiar nosso país de todas as formas possíveis.

Certamente, a falta de esperança nunca fez parte do meu vocabulário.

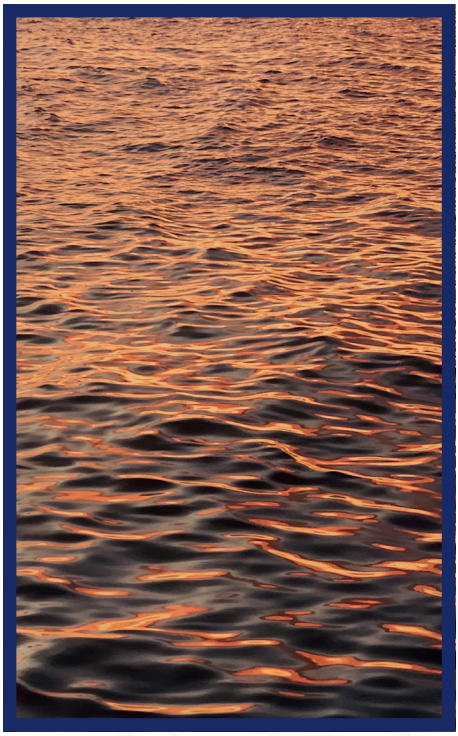
09 Kiotsuke

TOTALMENTE COMPROMETIDO, FIRME, DECIDIDO

Um amigo querido começou recentemente a praticar o *jiu-jítsu brasileiro*, um esporte de alto contato que combina luta livre e combate estratégico no solo. Com o objetivo final de subjugar o inimigo, pode parecer um daqueles esportes radicais que se baseiam apenas na intimidação e na força bruta.

Mas o verdadeiro enigma do jiu-jítsu brasileiro é que ele se concentra no aproveitamento das capacidades físicas de cada qual, independentemente do tamanho ou da força, e enfatiza a predominância do método sobre a força. Os espectadores ficam atônitos ao ver como indivíduos menores e mais fracos se defendem de oponentes aparentemente inexpugnáveis.

A aventura era uma novidade, e esse entusiasta do jiu-jítsu brasileiro deve ter ficado tão entusiasmado que se esforçou demais e levou seu corpo além dos limites. Ele quebrou o ombro, rebentou uma costela e até rompeu os nós dos dedos. Ele deve ter se concentrado em estrangulamentos e bloqueios para subjugar o oponente e na força de suas quedas e golpes.



Ele não percebeu que a resistência física necessária também deveria ser acompanhada pelo desenvolvimento de habilidades técnicas, um forte senso de disciplina e adaptação a novas situações. O contratempo foi uma bênção disfarçada, pois a experiência permitiu que ele não apenas testasse sua determinação e amor pelo esporte, mas também aprendesse as dolorosas lições da resistência e da humildade.

E aqui está o ponto principal: foi somente quando finalmente ele se rendeu à fragilidade de seu corpo que começou a ver uma melhora real em seu jogo. Isso lhe ensinou que a vulnerabilidade e o autocuidado são vitais. Ao admitir suas fraquezas e dar um tempo ao seu corpo, ele estava aceitando a dor como parte do processo. Ele precisava de tempo e espaço para se curar e se recuperar.

No final das contas, o autocuidado não é como embarcar em um cruzeiro de luxo; trata-se de colocar um colete salva-vidas para se manter à tona. O caráter é forjado com base na força interior, que só é desenvolvida com a superação dos solavancos e contusões ao longo do caminho. Isso é mais ou menos

o que Trisha Elric disse em Full Metal Alchemist: “Podemos ser fracos, mas temos que sê-lo. Caso contrário, não teríamos motivos para crescer e nos tornarmos fortes. E a cada passo que damos, nos vamos nos tornando mais fortes”.

Para os jovens faria mais sentido se os padres e catequistas falassem sobre seus esportes favoritos em vez de pregar dogmas ou alta teologia? Os alunos aprenderiam melhor se fossem treinados em vez de receberem sermões? As celebrações do Dia Mundial da Juventude são uma ótima ocasião para sair e envolver os jovens em seus próprios termos e em seu próprio tempo. Com uma atitude de nunca desistir, é preciso anunciar a boa nova a tempo e fora de tempo.

O esporte louco e descolado pode ser a melhor forma de caminhar com aqueles que se descrevem como pertencentes à geração mais solitária. Pode ser a única maneira de alcançar os hikikomori, os jovens japoneses que sofrem de grave retraimento social. Pode ser a chave de ouro para enfrentar a epidemia da solidão e se conectar com a Geração Z ou talvez até mesmo com as Gerações Alfa e Beta.

Nem mesmo um emoji de coração pode se igualar a um abraço afetuoso ou a um encontro cara a cara. Por estarem constante-

mente rodeados de pessoas e sempre conectados, muitos perdem os contatos reais e estão ansiosos para participar de uma conversa individual. Talvez por saber que tinha mais de 50 milhões de seguidores nas mídias sociais, o Papa Francisco emitiu este lembrete amigável sobre o uso das mídias sociais e da tecnologia durante a Quaresma do último ano litúrgico: *"A Quaresma é um tempo propício para resistir às tentações e cultivar, em vez disso, uma comunicação humana mais integral, feita de encontros reais: face a face"*.

Toda luta de jiu-jítsu começa com o comando "kiotsuke". Esse grito sinaliza o início da luta e estimula os jogadores a reunir toda a sua energia para alcançar a vitória. Ele alerta os jogadores para que sejam sempre cautelosos e vigilantes, como a sentinela que espera a aurora. Ou o caçador que espera pacientemente por sua presa. Ou como o amado que aguarda silenciosamente a chegada da menina dos seus olhos. Isso requer atenção incondicional e compromisso inabalável, mas também ação resoluta. Não tenha medo. Reúna sua energia de dentro de seu frágil ser. Estamos aqui para vencer.

10 Saneamento ambiental

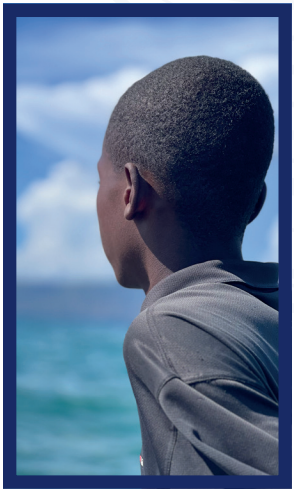
UMA CRIANÇA NOS GUIARÁ

O *Canal de la Tortue* ou Canal da Tartaruga é a via navegável que separa a ilha principal do Haiti de sua ponta norte, Zile Latòti ou Ilha da Tartaruga, assim chamada porque uma de suas montanhas se assemelha ao formato de uma tartaruga. Esse trecho é navegado diariamente em ambas as direções por centenas de pessoas em veleiros construídos por artesãos locais que geralmente usam materiais reutilizados para as velas e não se preocupam muito com os padrões usuais de segurança marítima.

Esses barcos transportam todos os tipos de alimentos, mercadorias e outros suprimentos para atender às necessidades dos habitantes de Zile Latòti, estimados em menos de 40.000 há

uma década. A única forma de transportar mercadorias e cidadãos comuns de e para a ilha principal é por meio desses barcos frágeis. As pessoas viajam sem restrições e sem medo nesses barcos, sem sombra ou cobertura para protegê-las do sol, da chuva ou de ventos fortes. Se você vir coletes salva-vidas, eles são uma ilusão de ótica, mas o número de passageiros a bordo não é.

Quando os primeiros Irmãos missionários canadenses chegaram ao Haiti, não optaram por estabelecer uma presença lassalista nas grandes cidades. Em vez disso, eles se aventuraram nos arredores das periferias e estabeleceram um centro educativo lassalista há muitas décadas em Zile Latòti. O que os levou a se lançarem tão profundamente? Foi o desejo de viajar dos aventureiros ou a disponibilidade radical dos missionários? Se ao menos pudéssemos ter uma videoconferência pelo Zoom com esses pioneiros! Esses foram os pensamentos que ocuparam minha mente quando entramos no pequeno barco que nos levaria à exótica ilha.



O barco podia acomodar dez pessoas e havia assentos suficientes para todos nós. A viagem de ida saiu da ilha principal no meio da manhã, e navegamos por uma hora e meia, enquanto observávamos com prazer os diferentes tons de azul das águas calmas e a refrescante brisa da costa. Mas tivemos que retornar à tarde. Dessa vez, a travessia foi muito mais longa, pois navegamos contra o vento e o mar estava muito agitado. Tivemos que embarcar

mais alguns passageiros, e as nuvens ameaçavam uma chuva forte. Nosso barco estava balançando de um lado para o outro praticamente desde o momento em que saímos de Zile Latòti, com grandes respingos que ameaçavam molhar nossas mochilas ou encharcar o fundo da embarcação.

Enquanto abaixávamos a cabeça e nos envolvíamos em coletes à prova d'água, segurando nossas mochilas para que não tocassem o fundo do barco, *Jean Pierre*, um garoto de uns 12 anos, apareceu sentado serenamente na lateral do barco, sem nenhum traço de medo ou ansiedade. Ele era o assistente do capitão do barco, a quem alertava sobre qualquer complicação ao nosso redor. Ele estava atento a grandes rochas ou troncos que bloqueavam nossa rota e imediatamente se comunicava com o capitão por meio de sinais manuais para evitar qualquer incidente infeliz.

Jean Pierre nos impressionou não só com suas confiáveis habilidades de marinheiro e a sua capacidade de se comunicar sem palavras com o capitão do barco, mas também com sua compostura e confiança para permanecer totalmente calmo e imperturbável durante toda a viagem. Ele se sentou na borda do barco, olhando para o mar, totalmente concentrado em sua responsabilidade. Nem mesmo a mais forte sacudida o perturbou.

De tempos em tempos, olhávamos para Jean Pierre para nos certificarmos de que não havia motivo para preocupação. Sua sensação de calma interior em meio ao ambiente turbulento era uma presença reconfortante sempre que nos lembrávamos de que ainda estávamos a quilômetros de distância de um porto seguro.

11

Atiquifobia

(MEDO DO FRACASSO)

LONGAS NOITES ESCURAS

Limitado. Após dois anos e meio de confinamento, saí recentemente do que os psicólogos e psiquiatras profissionais chamam de *"longa noite escura da alma"*. Se a pandemia nos ensinou alguma coisa, foi o fato de que a depressão é real. E a depressão pode afetar qualquer um, até mesmo as pessoas aparentemente mais fortes emocional e espiritualmente.

Muitas pessoas leigas e não religiosas acham que os religiosos consagrados como nós não são tão afetados pelos problemas do mundo porque estamos *"mais próximos de Deus"*. Pelo contrário, a experiência me diz que a luta é diária. Como qualquer pes-

soa comum, todos os dias nós também nos deparamos com a perspectiva de valorizar o que o mundo valoriza e, necessariamente, as expectativas que acompanham esses valores, sejam elas de eficiência, eficácia ou conclusão bem-sucedida das tarefas.

E assim, afligido pela condição humana e pelas expectativas do mundo, me senti pressionado a "render" no ritmo ditado pelo mundo, atraído pela competição feroz que eu tanto queria evitar. No final, meu próprio "êxito" foi minha ruína, pois teve um alto custo para meus relacionamentos humanos, tanto familiares quanto sociais. Nesses momentos de oração, eu sempre pensava que, se tivéssemos aplicado a noção mundana de sucesso à curta vida de Jesus, poderíamos chamá-lo de fracassado. No entanto, como acontece com tanta frequência, voltamos à corrida interminável da vida assim que saímos das portas da capela.

Tampouco somos pessoas ruins, que nos iludimos deliberadamente durante a oração. Não. Estamos simplesmente condicionados por tantos anos ouvindo, tocando e dançando conforme a música. Acima de tudo, nós nos tornamos o que nos ensinaram a ser.

No meu caso, cresci buscando fazer meus deveres de casa com perfeição e estar sempre entre os melhores da classe, ser querido, ser amado, e isso traz mais problemas porque a verdade é esta: nunca podemos ser perfeitos, pois somos seres limitados. Aqui está um garoto que, acima de tudo, só queria ser aceito por quem ele é e ser amado como tal, não pelo que ele podia fazer ou alcançar. Essa dinâmica frágil, bem escondida por trás de anos de sucesso na escola como aluno e, mais tarde, no local de trabalho como Irmão, logo se desfaria.

Frágil. Mesmo quando criança, aprendi a trabalhar de forma independente, a cuidar de mim mesmo e a fazer as coisas porque não havia ninguém de quem depender. Também aprendi a levar esse espírito e essa atitude para a escola, a fazer a lição de casa e a concluir o que me era pedido. Isso veio com a aprovação e o fato de gostar de mim. E havia a questão de ser comparado a outras crianças, ou melhor, eu me comparando com outras crianças. A gente se contentava com o que tinha, porque muitas vezes eu não tinha os recursos que as outras crianças da minha idade tinham. Vindo de uma família grande na qual, em muitos casos, os escassos recursos eram gastos em necessidades mais importantes, a gente precisava ser melhor em outras coisas: as atividades acadêmicas facilitavam essa diferenciação.

Mas essas limitações também trouxeram boas lições. Aprendi a viver satisfeito com o que tinha. Embora não fôssemos pobres no sentido real da palavra, cresci com a atitude do que éramos e, assim, aprendi a ser autossuficiente, austero, engenhoso e feliz. Mesmo quando meus irmãos mais velhos terminaram seus estudos na escola, conseguiram emprego e se mudaram de casa, e eu desfrutei das coisas que eles não tinham, continuei vivendo com simplicidade e, se precisasse de algo especial, tinha que economizar mais para eu mesmo conseguir. Por fora, eu parecia ser forte, independente, autossuficiente e sempre em busca do bem. Mas, no fundo, eu era uma pessoa que sempre precisava da aprovação externa, que temia o fracasso e era movida pelo perfeccionismo e em evitar o fracasso a todo custo.

A motivação para ter sucesso e ajudar os outros era mais impulsionada por um forte objetivo de não fracassar ou ser visto como um fracassado, em vez de ser impulsionada pelo altruísmo. Esse mesmo trabalho interno e essa mesma motivação

poderiam facilmente ser transferidos para a vida de Irmão. Talvez até mesmo a vida inteira de Irmão dependesse desse desejo de aprovação e de evitar o fracasso que foi semeado nos primeiros anos de vida. E esse fio frágil, por si só, era uma receita para uma vida insustentável e acabava se manifestando no trabalho e nos relacionamentos pessoais.

Livre. E assim aconteceu, e o resultado foi devastador. Quando cheguei à meia-idade, em meio às fortes pressões de administrar uma escola em plena pandemia (com algumas pessoas contando comigo para salvá-las ou a seus entes queridos), a pressão simplesmente submergiu: aquele verniz de calma e força serena permaneceu imperturbável ao longo dos anos. Quando as coisas não saíam como devem ou deveriam, o espectro assombroso de se tornar um fracassado aos próprios olhos e o pensamento de sê-lo aos olhos dos outros se converteram em um horizonte insuportável. Isso gerou uma crise, não tanto pelo que os outros estavam fazendo, mas por causa dos anos em que a criança interior viveu com medo de ser um fracassado, equiparando-o à perda da aprovação, do amor e do desejo de ser percebido como bom e, portanto, querido.

Mas, no sentido clássico do que São João da Cruz descreve em seu tratado Noite Escura como *"uma longa noite escura da alma"*, o verdadeiro encontro íntimo com Deus, que primeiro acolhe, ama e chama pelo nome, assume um significado cada vez maior! A crise, nesse sentido, foi a grande oportunidade de nos conhecermos como Deus nos conhece, e assim podemos "soltar" os grilhões que nos impedem de amar plenamente como ele o faz. A crise de autoestima, de autoidentidade e de significado abriu a oportunidade de conhecer a verdade sobre nós mesmos, sobre o mundo, sobre a natureza humana e sobre o significado de nossa própria vida. Mais importante ainda: na fé, ela me permitiu ver com os próprios olhos de Deus quem eu era para ele: que sou seu "amado" e, como nosso Irmão Jesus, que nos mostrou o caminho, sou seu discípulo, *"em quem ele se compraz"*!

12

Eles/Nós

VERDADE, AMOR E LINHAS DESBOTADAS

"É uma menina ou um menino?". Com 16 semanas de gravidez, essa pergunta é bastante simples. Por enquanto.

A partir de 2022, haverá até 25 identidades sexuais espalhadas por todo o espectro. O sexo biológico de uma pessoa é baseado em seus cromossomos, genitália e outros fatores de nascimento. O gênero, entretanto, refere-se à expressão

de uma pessoa e pode ser qualquer uma das 25 opções atuais. A *orientação sexual*, por outro lado, refere-se ao assunto pelo qual a pessoa se sente atraída ou não. E, por fim, há a *orientação romântica*, que identifica o sujeito com quem a pessoa tem um relacionamento romântico, independentemente da orientação sexual.

Trata-se de uma variedade vertiginosa. E, embora as identidades de gênero sejam válidas, não podemos deixar de nos preocupar até que ponto isso também é uma influência do ambiente.

As crises de identidade são parte integrante do crescimento. E, embora já seja um período obscuro, o grande volume de estímulos provenientes também da mídia, das redes sociais e da Internet pode gerar muita ansiedade para os pais. Os pais estão preocupados, e com razão, com o fato de que o já confuso estágio da puberdade pode ser agravado por todos esses critérios.

Eu gostaria de pensar que sou uma pessoa bastante liberal. Alguns de meus amigos mais queridos são membros da comunidade LGBTQ+. Um deles é uma mulher transgênero com quem sinto que fomos amigos em uma vida anterior. Tenho um grande amigo gay que foi meu padrinho de casamento. Eu o apoiei quando ele se assumiu aos 20 anos de idade e sempre fui a irmã mais velha que o aceitou, ao contrário de seu irmão carnal, que o rejeitou no início. Tenho amizades próximas com gays e lésbicas e sinto empatia por seus conflitos.

Em meu país, ser LGBTQ+ não é um impedimento para ser contratado para um emprego. Na verdade, também vi vários amigos chegarem ao topo nos setores da tecnologia, aos

bens de consumo rápido e, é claro, à moda e ao entretenimento. Nossa sociedade é relativamente tolerante e, embora tenha havido incidentes isolados que prejudicaram a comunidade, em comparação com o restante do mundo, em geral há aqui menos medo e mais segurança. No entanto, ainda há choques com a realidade.

Minhas amigas lésbicas compartilharam comigo seus problemas para encontrar uma escola credenciada para seu filho quando ele estava prestes a entrar no ensino fundamental. Aparentemente, algumas instituições acadêmicas ainda exigem uma certidão de casamento como um dos requisitos para matricular a criança. Minha amiga transgênero não tem problemas com emprego, mas sim com viagens ao exterior. O que poderíamos considerar direitos básicos e inalienáveis, como viajar ou saber qual banheiro usar, tornam-se explorações e negociações sérias quando se está no espectro transgênero.

E, é claro, com meu bebê pode haver preocupações muito reais que talvez eu não tenha com os meus amigos, que eu sei que conseguem se virar sozinhos.

Tenho uma família política muito heteronormativa. Minha ascendência remonta a um país que, até este ano, permitia legalmente uniões civis entre pessoas do mesmo sexo, mas não os direitos plenos de um casal heterossexual casado. Visto dessa perspectiva, de repente percebo quantas dificuldades e obstáculos os membros de sua comunidade enfrentam. E tudo isso testou meu senso de parcerias e relacionamentos e me ajudou a entender a grande profundidade de seus problemas e preocupações.

Uma mera possibilidade pode fazer alguém perder o sono. Portanto, volto ao mesmo ponto: somente a verdade. Se for a sua verdade, que seja. A gravidez, eu descobri, é uma verdadeira rendição total à fragilidade. Sentir a vida dentro de mim e ter a imensa responsabilidade de cuidar dela pode confundir a mente racional. Isso só pode ser um milagre; isso só pode ser mais uma prova de Deus, e isso só pode ser uma criação do divino.

Por mais que eu goste das minhas aulas de Ciências e tenha assistido a todos os tipos de vídeos no YouTube sobre concepção e gravidez, minha conclusão principal continua sendo que essa centelha de vida só pode vir de algo maior.

Oro para que meu filho tenha um forte senso de identidade e que eu seja sábia e generosa o suficiente como mãe para eu mesmo poder cuidar dele. Sei que serei mãe em uma época em que as redes sociais estão em constante recessão, em que as fronteiras são constantemente ultrapassadas e, ainda assim, os limites são desbotados.

Portanto, minha maior oração e resposta é o amor. Durante minha infância difícil, essa foi a única verdade que me ancorou durante as tormentas. Foi essa verdade que me curou o suficiente para que eu crescesse evoluída e parasse com o trauma geracional, mas também espero que eu não seja muito endurecida, e me torne uma mãe amorosa e generosa. Só existe amor, e meu desejo é que nunca falte amor para meu filho, para mim ou para o mundo.

13 Presença ausente

PROVAS DO QUE NÃO SE VÊ

Cresci no seio de uma família disfuncional e, aos poucos, percebi que tinha que enfrentar os desafios da vida por conta própria. Esses desafios foram parte do que me ajudou a construir a mim mesmo. De fato, posso comparar as experiências dos outros com as minhas e fico sempre intrigado com os fatores que nos moldam como pessoas. O que esteve ausente em minha vida pode estar muito bem presente na vida de outras pessoas. Isso não significa necessariamente que elas são melhores porque faltou algo em minha vida; significa simplesmente uma experiência totalmente diferente.

O valor da ausência da presença é, na maioria das vezes, negligenciado. A maioria das pessoas se sentiria vazia ao pensar em coisas ausentes em sua vida. Mas, à medida que avançamos na vida, a ausência de alguém ou de algo também pode evocar um sentimento de saudade e gratidão. Quando não temos a presença constante de entes queridos, percebemos a profundidade de sua marca e o papel importante que desempenham em nossa vida. A ausência de certos elementos pode promover um novo sentido de consciência e de gratidão; quando não temos acesso aos confortos e luxos que muitas vezes consideramos garantidos, desenvolvemos um apreço mais profundo pelas pequenas coisas que trazem alegria e conforto à nossa vida. A ausência de coisas materiais destaca a resiliência do espírito humano e nos incentiva a encontrar satisfação na simplicidade e na autenticidade.

Em última análise, a ausência da presença nos incentiva a abraçar o fluxo e o refluxo da vida, reconhecendo que a mudança e a temporalidade são aspectos intrínsecos da experiência humana. Esse pensamento me fez refletir sobre minha fé em Deus e na Igreja.

Durante toda a minha infância e vida adulta, estive muito próximo da Igreja, de suas práticas, de sua missão e também de suas falhas. Quando alguém me pergunta a que religião pertenço, respondo em tom de brincadeira: “Sou católico por conveni-

ência". Sinto-me um pouco desmoralizado toda vez que digo isso, mas é verdade. Sou católico porque todos ao meu redor são, e realmente não há vantagem em explorar outras religiões, porque presumo que continuarei me sentindo da mesma forma: alguém velho tentando pregar algo no púlpito com o qual não consigo me identificar.

Perder a fé tem sido um conflito muito pessoal que muitos *millennials* (geração posterior à X, pessoas nascidas entre 1981 e 1995) parecem compartilhar. Tendo crescido em um mundo em que tudo está ao meu alcance, em que provas e evidências são exigidas para cada crença, vejo-me lutando contra a intangibilidade e a relevância da fé. A Igreja, que já foi um pilar central em minha vida, agora parece distante, e seus ensinamentos muitas vezes entram em conflito com as realidades práticas que encontro diariamente. Essa desconexão fez com que eu e muitas outras pessoas da minha geração nos sentíssemos à deriva, buscando algo concreto a que nos apegar em meio às incertezas da vida.

É difícil de acreditar, mas mesmo agora, ao navegar pelas complexidades da fé e pelos desafios de nosso mundo frágil, vejo-me questionando a autenticidade da Igreja e de seus líderes. Escândalos, controvérsias e falta de transparência corroeram a confiança que eu tinha na instituição. É desanimador ver a desconexão entre os ensinamentos espirituais e as ações daqueles que deveriam defendê-los. A luta para conciliar minhas crenças com as ações da Igreja me deixou desiludido e perdido, me perguntando se há um lugar para mim na estrutura da religião organizada.

A desconexão entre os aspectos tangíveis e intangíveis da fé tem tornado cada vez mais difícil para a minha geração encontrar conforto e significado dentro da Igreja. A confiança em

evidências materiais e visíveis muitas vezes ofusca a importância do alimento espiritual e da introspecção. Os ensinamentos da Igreja, antes uma fonte de conforto e orientação, agora parecem abstratos e distantes, incapazes de oferecer as respostas concretas que minha geração busca em um mundo acelerado e em constante mudança.

Diante desses desafios, continuo firme nos valores que aprendi por meio dos ensinamentos da Igreja e no senso de responsabilidade que sinto pelas outras pessoas, especialmente pelas mais necessitadas. Continuo acreditando que há oportunidades para entender os rumos futuros da Igreja e como ela pode envolver mais a geração mais jovem em sua missão. Mas para fazer isso, admito, tenho mais perguntas do que respostas; frequentemente me pego ponderando algumas dessas perguntas fundamentais: Como posso conciliar os ensinamentos da Igreja com as realidades do mundo? Como posso confiar em uma instituição que parece contradizer seus princípios?

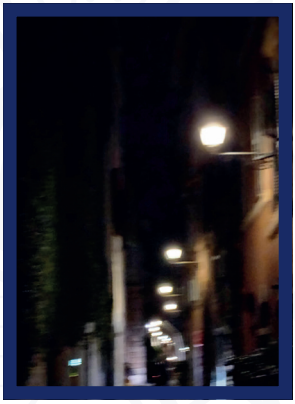
Ao lidar com essas perguntas, lembro-me de que a caminhada da fé é profundamente pessoal, cheia de incertezas e complexidades que exigem introspecção, honestidade e disposição para buscar respostas além dos limites do mundo visível. É claro que, embora a Igreja esteja ausente em minha vida, encontro conforto na presença da _____.

14

Estação seca

SE RENOVAM A CADA MANHÃ

Acho difícil acompanhar o ritmo.
Não sou bom nisso.
Estou destinado a fracassar.
Nao mereço estar aqui.
Eu arrasto as pessoas para baixo.
Me sinto ameaçado.
Não consigo fazer isso.
Talvez seja melhor desistir.



Em muitas ocasiões, esses pensamentos passam pela minha cabeça enquanto olho para o documento em branco no meu monitor. Tento escrever minha tese. Meus pensamentos tomam conta de mim como criaturas manipuladoras tão poderosas que drenam minha energia e me deixam vulnerável. Preciso respirar. Preciso me afastar do que desencadeia minha ansiedade.

Saio da minha mesa de trabalho e escuto algumas canções do Linkin Park; faço outras coisas e me convenço de que estou fazendo algo produtivo. O tempo passa rapidamente. Volto ao meu escritório. Me esforço para escrever uma, duas ou três frases, mas ainda fico com um manuscrito em branco.

Em minha ociosidade, crio resistência. Como um rebelde, faço outras coisas em vez de fazer o que precisa ser feito. Os pensamentos se repetem continuamente: “a pesquisa não é a sua praia”, e começo a sentir medo da minha tese. Eu a associo a coisas negativas e ao fracasso. Na reta final de minha graduação, tenho dúvidas. Aos poucos, perco a vontade de continuar. Eu a rejeito deliberadamente, deixo-a para depois e procuro formas de me libertar.

Do nada as horas se transformam em dias. Estou em um marasmo. Começo a questionar minha vida, meu propósito e meu

valor como pessoa. Estou aprisionado em minhas preocupações, medos e frustrações. Minhas feridas não curadas e minhas inseguranças vêm à tona. Vivo na culpa e na vergonha. Em minha solidão, choro sem esperança. Estou quebrado, o que devo fazer?

Em meu desespero, clamo a Deus. Não posso fazer isso sozinho. Preciso dele. Peço a ele sabedoria, força e orientação. Peço-lhe que endireite meu caminho. Ele responde por meio das pessoas com quem converso e das circunstâncias que encontro todos os dias. Sou abençoado por estar cercado de pessoas de fé que me ajudam a formar pensamentos piedosos e a viver uma vida semelhante à de Cristo.

Eu poderia optar por desistir e acabar com meu sofrimento, mas Deus me colocou nessa situação. Estou vagando no deserto, como os israelitas vagavam pelo deserto em direção à Terra Prometida. Nesse período de solidão e desespero, anseio por Deus. Nesse tempo de espera, eu me apego às suas promessas. Fico animado sabendo que ele está comigo, lutando por mim.

Deus sabe o quanto sou teimoso, mas ainda estou aqui. É difícil deixar a vaidade de lado, me humilhar e desistir, mas Deus tem suas maneiras de me lembrar que ele está no controle, não meus pensamentos e sentimentos. A única

pessoa em quem posso confiar é na sua voz, na verdade e na sabedoria de suas palavras.

Sou uma obra em construção. Às vezes ainda penso demais e me preocupo, mas aprendi a orar a Deus e a esperar com paciência. Quando estou abatido e cansado, leio Lamentações 3,16-33 e me sinto especialmente atraído pelos versículos 22-24: "*O amor do Senhor não acaba jamais, e sua compaixão não tem fim. Pelo contrário, renovam-se a cada manhã: 'Como é grande a tua fidelidade'! Digo a mim mesmo: 'O Senhor é a minha herança', por isso espero nele*".

Minha caminhada está se tornando cada vez mais próxima de Deus e menos perto de mim mesmo. Ele traz calma e alegria ao meu sofrimento. Ele carrega meu fardo e me liberta da dor. Seu amor e misericórdia transbordantes me sustentam. Não mereço sua fidelidade, mas ele permanece.

Por sua graça, sigo cada dia em frente. Fiz um progresso milagroso. Ainda tenho um longo caminho a percorrer para atingir a meta, mas o fato de ter escrito algo em meu manuscrito é uma vitória. Dou todo o crédito e glória a Deus. Ele está trabalhando.

Já pensei muitas vezes em abandonar meu

doutorado. Mas, a menos que Deus diga que acabou, minha caminhada continua. Neste momentro ainda não sei se terminarei minha tese ou não. Continuo sem entender porque ocorrem certas coisas em minha vida. Ainda não sei o que o futuro me reserva. Mas para onde quer que Deus me conduza, eu o seguirei. Faz poucos dias escrevi em meu diário: “Senhor, seu tempo é sempre certo. Seus planos são maiores que os meus. Eu confio no Senhor. Sua vontade seja feita. Em todas as coisas eu o louvo. E em tudo, eu lhe agradeço”.

15 Tempo da ancianidade

ABRAÇADO PELA IMENSIDÃO

Não recebi muitos comentários diretos sobre a Carta Pastoral do Instituto do ano passado. Por isso fiquei agradavelmente surpreso com este e-mail de um homem sábio e o li com grande prazer:

Como Irmão mais velho, fiquei impressionado com um parágrafo específico de sua carta, Histórias Lassalistas ao longo do caminho. Cada palavra, exceto a última frase, me impressionou desde o momento em que a li em janeiro passado. Recentemente, eu o utilizei em nosso Projeto Comunitário para expressar aos meus colegas lassalistas um aprendizado pessoal significativo em minha vida. Suas palavras me comoveram profundamente e despertaram em mim uma reação que chamo de abandono. Ela está lon-

ge de ser uma desistência ou uma simples reclamação. Em muitos aspectos, ela beira a ressurreição. Pedi desculpas à minha comunidade por escrever meus pensamentos. Temia que as emoções atrapalhassem se eu tentasse fazer outra coisa. Evitar a tristeza de sua última frase é uma das razões pelas quais empreendi um projeto de livro sobre o significado da aposentadoria.

Esse Irmão se referia a este parágrafo da minha Carta Pastoral de 2022: "Experimentamos essas pequenas perdas e mortes muitas vezes. Quando uma iniciativa é deixada de lado pela seguinte administração. Quando um amigo e Irmão querido decide deixar a congregação. Quando uma inovação em que investi não passou pela aprovação da diretoria. Quando meus planos jovens e idealistas são descartados por meus superiores porque não valem o risco. Quando aquilo em que gastei quase todas as minhas energias não parece ser valorizado pela Direção da Província. Quando, em meus anos de aposentadoria, tenho a sensação incômoda não apenas de que não tenho nada, mas de que não sou ninguém".

Ele olha para trás e percebe que suas intuições criativas muitas vezes o levaram a experimentar perdas pessoais, frustrações e mágoas da própria comunidade de Irmãos com a qual ele prometeu viver e trabalhar durante toda a sua vida. Por outro lado, ele também reconhece que suas intuições criativas na Missão Lassalista o levaram a muitas experiências positivas de êxitos pessoais e comunitários. Desde então, ele sente que está próximo de uma síntese pessoal desse itinerário de sua vida e, embora ainda seja um trabalho em andamento, ele se sente confiante o suficiente para compartilhar seus três passos para a saúde criativa pessoal:

1

1º passo
Afirme o bem que você visualiza. Mova-se em direção a ele com toda a sua energia.

2

2º passo
Receba alguma negação ou recuo.

3

3º passo
Sempre que possível, incentive uma reconciliação ou um novo começo.

Ele considera a virtude do abandono como um ingrediente necessário para administrar o 2º passo. Para não matar sua criatividade, ele sabe que precisa abandonar a si mesmo e aceitar a rejeição que experimenta para passar para o 3º passo e começar o novo ressurgimento. Mais do que estratégias para lidar com a decepção e a frustração, certamente há algo sagrado em cada etapa e em todos os três passos deste capítulo de nossas vidas.

Pode parecer um pouco prematuro para mim pensar ou falar abertamente sobre meus próprios planos de aposentadoria. Entretanto, minhas recentes visitas a algumas de nossas comunidades e residênciais de aposentados e de Irmãos idosos me ajudaram a apreciar o valor desses nossos Irmãos idosos para o Instituto e para a missão lassalista, especialmente nos dias de hoje.

Paul Weinfield descreve o que significa deixar o herói morrer. Cito-o longamente a seguir, pois suas reflexões não se dirigem apenas aos jovens do passado, mas também aos de hoje:[10]

Leonard Cohen conta que seu professor lhe disse certa vez que quanto mais velho você fica, mais solitário você se sente e

mais profundo é o amor de que você precisa. Isso ocorre porque, ao longo da vida, tendemos a nos identificar demais com o fato de sermos o herói de nossas histórias.

Esse herói não está exatamente se divertindo: ele é chutado, humilhado e desonrado. Mas se pararmos de nos identificar com ele, encontraremos nosso lugar de direito no universo e um amor mais satisfatório do que qualquer outro que já tenhamos conhecido.

As pessoas usam constantemente o termo "jornada do herói" sem ter ideia do que ele realmente significa. Todos, desde diretores executivos até influenciadores do bem-estar, acreditam que a jornada do herói significa enfrentar seus medos, matar um dragão e ganhar 25.000 seguidores no Instagram. Mas essa não é a verdadeira viagem do herói.

Na verdadeira viagem do herói, o dragão mata VOCÊ. Se você for tolo, é aqui que interromperá a viagem e começará outra, e mais outra, maltratando seu coração re-

petidas vezes pela breve ilusão de ganhar e vencer.

Mas se for sábio, você se deixará despedaçar e retornará à aldeia humilhado, mas com uma nova sensação de que não precisa se identificar com a parte de você que precisa vencer, que precisa ser reconhecida, que precisa saber. É aqui que sua vida transcendente começa.

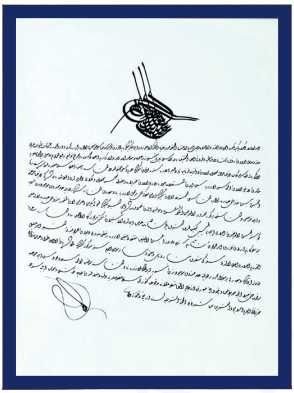
Portanto, adote a humildade em tudo. A vida não está querendo pegá-lo, nem suas lutas são culpa sua. Cada derrota é apenas mais um anjo puxando sua manga, dizendo-lhe que você não precisa continuar batendo a cabeça contra a parede. Deixe esse lutador lá, preso em suas ambições solitárias. Afaste-se, e a vida em sua vastidão o abraçará.

16 Guerra e paz

QUINZE DÉCADAS DE PRESENÇA LASSALISTA NA TERRA SANTA

Enquanto escrevia a Carta Pastoral deste ano, meus pensamentos se voltaram para a crescente tensão na Terra Santa, provocada novamente pela recente explosão de violência. Minha visita a essa região foi programada para a celebração do Jubileu de Ouro da Universidade de Belém, mas foi também um momento oportuno para visitar nossas obras e encontrar Irmãos e Lassalistas em Jerusalém, Beit Hanina, Jaffa e Belém.

Três dias depois que parti de avião para Tel Aviv, ocorreu o ataque do Hamas. Como os nomes e os rostos das pessoas que conheci recentemente nessa visita providencial ainda estão frescos em minha memória, sinto-me ainda mais unido a todos os homens e mulheres de boa vontade que anseiam por esse presente sempre esquivo da paz do Menino Jesus nascido em Belém.Temo os contínuos ataques e contra-ataques, porque conheço algumas das pessoas cujas vidas estão em perigo. Para mim, irmão e irmã, filho e filha, mãe e pai.



Nossa presença lassalista na Terra Santa começou há quinze décadas e está intimamente entrelaçada com a história secular das lutas de gerações de povos e famílias na terra de Jesus. Fiquei surpreso quando vi uma cópia digital da permissão original para abrir nossa escola em Jaffa, escrita à mão em turco e concedida durante o reinado do Império Otomano.

Nossa presença nas comunidades e obras da Terra Santa é de grande valor para o Instituto, pois ela procura entender melhor e responder aos profundos desejos de pessoas de diversas culturas e religiões de tentar viver em paz e construir um mundo de justiça que seja inclusivo. Fiquei profundamente comovido ao ouvir as histórias e reflexões compartilhadas por nossos alunos, professores e pais: experiências diárias de opressão, desigualdade e assédio por parte de pessoas que exerciam autoridade. O silêncio e a escuta atenta foram a única resposta apropriada às suas histórias de coragem inabalável em meio às duras realidades que se tornaram normais nesses lugares.

Quando o Papa Francisco se reuniu com jovens em Manila, em 2015, uma menina lhe fez uma pergunta sincera: *"Muitas crianças foram abandonadas pelos pais, algumas foram vítimas de coisas horríveis... Por que Deus permite que essas coi-*

sas aconteçam com as crianças? E por que há apenas algumas pessoas que nos ajudam"?

Senti um nó na garganta quando um jovem estudante compartilhou recentemente as suas experiências diárias como palestino que pega o trem para ir e voltar da universidade:

Éramos revistados simplesmente por falar muito alto, ou por ter as mãos nos bolsos, ou por levar qualquer acessório que apoiasse a Palestina, ou simplesmente por ser um palestino que poderia ser uma ameaça em potencial à ocupação sionista. Já enfrentei humilhação pública, agressões físicas e insultos simplesmente por ser palestino e usar o trem. Fui até mesmo parado por carregar minha mochila, que tem o mapa da Palestina, e fui submetido a violência física, incluindo gás de pimenta.

Quando me encontrei com um grupo de Irmãos missionários destinados à Terra Santa, fiz a mim mesmo uma série de perguntas: Que graça você recebeu que lhe deu a coragem de estar radicalmente disponível para servir nesta terra? Que percepções sobre a esperança você adquiriu com décadas de envolvimento em trabalhos que permanecem frágeis nos anos vindouros? Como nosso ministério de presença nestas zonas de conflito serviria como fermento em face da letargia e do ceticismo? Suas respostas individuais e coletivas a estas perguntas fornecem ao Instituto uma orientação vital ao embarcarmos no Projeto Fermento. O testemunho de suas

vidas e o poder de suas convicções servirão como fontes de fortaleza e sabedoria para todos os Irmãos e Lassalistas ao redor do mundo.

Quando um senador dos Estados Unidos faz agitação para que as forças militares arrasem a Faixa de Gaza, sabendo que há dois milhões de habitantes nesse "lugar", então o ato é realmente uma incitação ao genocídio. Nicholas Kristof, colunista do New York Times, discorda do legislador: "Eu não deveria ter que lembrar a um senador que quando você se preocupa com alguns seres humanos, mas não com outros, você perdeu sua humanidade... Os crimes de guerra não devem ser vingados com mais crimes de guerra"[11].

O reservista israelense Nir Avishai Cohen escreve suas reflexões enquanto está a bordo do avião dos Estados Unidos que o levaria para a linha de frente[12].

Esta guerra, como outras antes dela, terminará mais cedo ou mais tarde. Não tenho certeza se sairei vivo dela, mas sei que um minuto após o fim da guerra, tanto israelenses quanto palestinos serão responsabilizados pelos líderes que os conduziram a este momento. Precisamos acordar e não deixar que os extremistas governem.

Tento buscar fragmentos de esperança... No final, depois que todos os mortos israelenses e palestinos forem enterrados, depois que terminarmos de lavar os rios de sangue, as pessoas que compartilham um lar nesta terra terão que perceber que não há outra escolha a não ser seguir o caminho da paz. É aí que está a verdadeira vitória.

2023 do ponto de vista de um verme

Um edifício imponente na Cidade Eterna como a nossa Casa Generalícia nos atrai para os assuntos igualmente proeminentes devidamente realizados em seus salões sagrados. Basta percorrer o labirinto de seus corredores para contemplar algumas lembranças de marcos históricos e ocasiões celebradas na presença de pessoas de destaque.

Os Arquivos do Instituto são um verdadeiro tesouro de muitos outros documentos e objetos que trazem lembranças de oportunidades fotográficas únicas da vida na Via Aurelia. Uma visita ao nosso Santuário De La Salle revive numerosas celebrações comemorativas lassalistas do último século e meio. Você pode passar algum tempo em silêncio em nossa Aula Magna e dar uma olhada na galeria de retratos de nossos estimados Superiores Gerais do passado, para ter uma noção das Assembleias e Capítulos que agora reconhecemos como momentos decisivos para o Instituto. Passeando pelo parque dentro do terreno, descobrimos as placas de pedra ao lado das árvores plantadas para comemorar alguns desses encontros inesquecíveis da Família Lassalista.

Mas como entender os muitos outros segredos mais bem guardados de um Instituto tão ricamente abençoado com super-heróis sem capas, anjos sem asas, sábios sem carteira? Eles são nossos lassalistas comuns lidando com nosso Deus cotidiano. A maioria deles permaneceu na obscuridade e sem nome. Este ano, a comunidade da Casa Geral se despediu de um lassalista verdadeiro e fiel que nos serviu por mais de quatro décadas. Como era de se esperar, *Abramo* se afastou silenciosamente de nós durante as férias de verão, quando ninguém estava vendo.

Lamentamos a perda de uma pessoa que se tornou uma instituição no Generalato. Não, Abramo não estava em uma posição de prestígio ou poder, nem possuía um conhecimento extraor-

dinário. Mas para muitos que trabalharam em Roma ou participaram de algumas sessões, ou mesmo que apenas visitaram por alguns dias, Abramo era o rosto humano da hospitalidade calorosa, do serviço alegre e da dedicação jovial. Qualquer pessoa que visitasse seu escritório, mesmo que pela primeira vez, encontraria a alma mais gentil, pronta para largar tudo para ajudar com um sorriso acolhedor e um coração alegre. Qualquer pessoa que chegasse ao seu escritório como um estranho saía dele encantada.

Mary Fox descreve o impacto que ele teve sobre ela: “Eu me sinto muito abençoada por ter trabalhado com ele em tantas visitas... Nenhum favor era demais, nenhuma entrega era complicada demais, nenhum pedido era difícil demais. Que homem incrível! Ele honrou a todos nós com sua bondade”.

A história do êxodo de *Abramo* como refugiado da Eritreia é conhecida por muitos e já está repleta de muitas anedotas que celebram o triunfo do espírito humano. Mas o poder transformador do amor do Pai não pode ser perdido na narrativa humilde dessa pessoa deslocada de uma pequena nação que fez com que os que se movem e outras pessoas em movimento se sentissem em casa na Via Aurelia. Hoje escolhemos nos lembrar dele com muita gratidão e profundo afeto fraterno porque, de fato, o que escolhemos manter vivo na memória de nossos

corações define nosso mundo. Cada vez que nos lembramos da bondade e das boas ações de Abramo, recebemos uma dose abundante do amor especial de Deus por aqueles que continuam acreditando que o Reino de Deus está aqui entre nós.

Uma experiência semelhante do amor transbordante de Deus nos invade quando encontramos nossos irmãos e irmãs nas periferias. Na esterilidade e aridez do deserto, descobrimos fontes de esperança, alegria e amor em abundância. Como descobriu o Irmão Anthony Rogers:[13]

Quando nos atrevermos a estender a mão a quantos estão sofrendo e passando por tantas aflições, começaremos a descobrir pessoas por trás da pessoa. Suas histórias se tornarão boas notícias para nossos ouvidos, transformando nosso vazio em encontros com a Compaixão Divina. Escutá-las é o caminho para nossa conversão.

Quando suas histórias de vergonha e constrangimento nos permitem crescer em nossa convicção de que a desolação e a miséria, a desesperança e a melancolia, o desânimo e o desdém, até mesmo para si mesmo, não são o plano da Divindade para a humani-

dade, as suas lágrimas se tornam nossa água salvadora para limpar a poeira de nossos olhos. Nós, neste processo, também podemos aprender a chorar com o Deus da Compaixão pelas crianças tão queridas ao Coração de Deus. Teremos a coragem de transformar suas lágrimas de tristeza em lágrimas de alegria. Podemos caminhar com elas no caminho da autoconfiança e da nova consciência em relação aos abrigos que criaremos como seu novo lar em nossa terra.

Poderá o Reino de Deus de *"justiça, paz e alegria do Espírito Santo"* tornar-se realidade, encarnar-se radicalmente em uma experiência sensorial?

Junto com os Irmãos Paco e Sergio, fui iniciado faz pouco em uma delícia gastronômica conhecida por todos os haitianos. Durante nosso segundo dia de visita a *Zille Latòti*, ou Ilha da Tartaruga para os turistas, compartilhamos a *sopa joumou*, um ensopado quente de abóbora, batatas, legumes, carne de cabra, ervas e temperos locais. Essa sopa da independência é tradicionalmente servida na mesa da família haitiana no

dia 1º de janeiro para celebrar o Ano Novo, mas também para comemorar a independência do país em 1804, a primeira nação caribenha a se libertar dos grilhões de seus colonizadores. *"Liberdade em cada prato"* é como *Fred Raphael*, um famoso chef haitiano radicado em Nova York, se refere a esse prato que entrou para a Lista do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO. Preparado pelos escravos para os senhores das plantações, os haitianos eram proibidos de provar essa iguaria, assim como muitas outras restrições que reforçavam a supremacia dos colonizadores brancos. Infelizmente, após a independência do Haiti, muitas outras nações europeias rejeitaram essa primeira república negra livre, talvez como um ato protecionista para salvar suas colônias de escravos[14].

Será que, em vez disso, poderíamos nos sentar à mesa da solidariedade com todos quantos têm fome e sede de justiça, liberdade e paz? Tive o privilégio de me juntar a um grupo de jovens voluntários lassalistas que servem aos pobres e aos sem-teto em La Granja, Santiago, Chile. O Refeitório Solidario vem servindo refeições quentes todos os dias da semana, na hora do almoço, há mais de uma década, em um pavilhão localizado em uma esquina do Colégio San Gregorio de La Salle. Não são feitas perguntas aos comensais, e todos são

bem-vindos à mesa da alegria. Cada visitante tem direito a um assento e recebe uma porção generosa de um prato quente, talvez com um pacote adicional para levar para casa às sextas-feiras, antes que o centro faça uma pausa para o final de semana.

Juntei-me a eles para degustar um prato de macarrão al dente perfeitamente cozido, junto com pão e frutas. Como nunca se pode prever quantas pessoas virão comer sem aviso prévio, perguntei aos voluntários como eles lidam com aqueles que chegam depois que a comida do dia acaba. Surpreendentemente, nunca houve um dia sem comida para todos os que chegavam. A multiplicação dos pães acontece hoje diante dos olhos daqueles que amam o suficiente e, portanto, ousam acreditar.

Bernard Hours destaca a importância vital de ver com os olhos da fé para levar adiante a Missão Lassalista: "(o espírito de fé) está na origem do modo de ser no mundo que João Batista (de La Salle) se propôs a construir para si mesmo e para os Irmãos. Ele impõe sua tonalidade à espiritualidade lassalista, que é essencialmente ascética" (15).

Quando a gente se atreve a abraçar a miséria do outro, então há um despertar para o poder da cruz. Quando não há solução mágica para aliviar a dor do meu irmão, o espírito de fé me convida a viver as perguntas sem resposta, para que eu possa meditar em meu coração o mistério existencial que existe por detrás dessas perguntas.

Apenas três dias antes do ataque do Hamas em outubro, ouvi atentamente a experiência de um aluno aterrorizado por autoridades paranoicas:

Acredito que posso falar pela maioria dos alunos desta escola quando digo que o trem é o principal meio de transporte para chegar à nossa escola. Hoje quero compartilhar minhas experiências diárias como estudante palestino no trem, experiências que destacam as dificuldades que enfrentamos. Não é para incutir medo, mas para esclarecer os desafios que enfrentamos. Espero que minha mensagem sirva de lembrete a todos os estudantes para que sejam cautelosos ao viajarem de trem, mas também para que não deixem o medo nos controlar. Juntos, podemos superar esses desafios com resiliência e solidariedade.

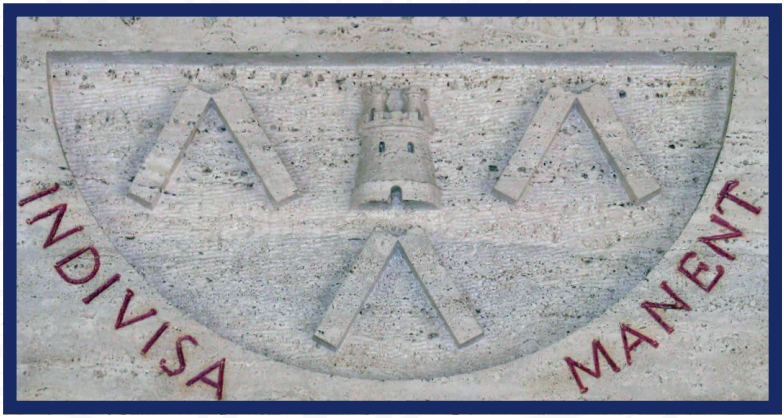
Também ouvi a angústia de uma jovem mãe que se sentiu "massacrada pela mídia" quando um correspondente da imprensa a incentivou a contar sua experiência, mas usando apenas uma linguagem politicamente correta e pequenos

trechos de som para que os canais de notícias pudessem apresentar sua história:

“Busco dentro de mim a força para ser paciente, mas a paciência não está na ponta de minha língua enquanto as bombas caem...

E eu conto, conto cem mortos, mil mortos. Há alguém lá fora? Será que alguém vai me ouvir? Eu gostaria de poder chorar sobre seus corpos. Queria poder correr descalça por todos os campos de refugiados e abraçar todas as crianças, cobrir seus ouvidos para que não tivessem que ouvir o som das bombas pelo resto de suas vidas como eu... E nenhuma mensagem, nenhuma mensagem que eu possa pensar, não importa quão bom seja meu inglês, nenhuma mensagem, nenhuma mensagem, nenhuma mensagem, nenhuma mensagem, nenhuma mensagem as trará de volta à vida. Nenhuma mensagem consertará isso.

Na rua Contrai, em Reims, em frente ao Liceu, há uma estátua de bronze de La Salle com seu nome. Desgastada pelo sol e pela chuva, ela é uma testemunha muda do tumulto e da violência do Reino do Terror. Ainda é possível ver o buraco da bala que atingiu o coração da criança que estava ao lado do Fundador. O convite de Jesus a Tomé também é para cada um de nós: *"Estenda aqui o seu dedo... Não seja incrédulo, mas um homem de fé"*.



A estrela que guiou os pastores à manjedoura continua nos convidando a estarmos junto às crianças e aos jovens que estão longe da salvação. Quantos deles sofrem de feridas que passaram despercebidas e não foram tratadas? Não temos outros presentes para levar além de nós mesmos. Carregamos o fardo de nosso passado. Lamentamos os pecados de nosso presente. Trememos de medo pelo nosso futuro. Vestimos nossa armadura e carregamos com orgulho nossas carruagens quebradas: **Limitadas. Frágeis. Livres.**

Mensagem do Papa Francisco aos Lassalistas

**Irmãos Lassalistas:
Uma saudação cordial.
Continue trabalhando.
Eles falaram comigo lá sobre
Projeto Levedura.
Eles dizem que é bom.
Se for bom, não o abandone,
porque na vida apostólica
também é necessário
inventar métodos.
O Evangelho não muda,
mas os métodos sim.
Deus o abençoe.**

Franciscus

CLIQUE AQUI

Notas

1. Miguel Campos, 1994. “Part Three: Meditations for the Time of Retreat—Introduction”, Meditations by John Baptist de La Salle, trans. by R. Arnandez and A. Loes, ed. By Loes and F. Huether. Landover, Maryland: Christian Brothers Conference, p. 417.

2. Jean-Guy Rodrigue, 1994. “Introduction”, Meditations by John Baptist de La Salle, trans. by R. Arnandez and Loes, ed. By A. Loes and F. Huether. Landover, Maryland: Christian Brothers Conference, pp. 3-4.

3. São João Batista de La Salle, “Meditações sobre as principais festas do ano”, Med. 86.3, de 25 de dezembro, para a festa do Nascimento de Jesus Cristo. Trad. Edwin Arteaga, FSC e Bernardo Montes, FSC, Medellín, Colômbia, 2007, pp. 203-204.

4. Irmãos das Escolas Cristãs, 2022. Circular 478: Documentos do 46º Capítulo Geral. Roma: Irmãos das Escolas Cristãs, pp. 8; 6; 14-15.

5. Brené Brown, 2012. Daring Greatly. New York: Gotham Books, p. 28.

6. Shirin Bhandari, 2018. “Last Call at the Hobbit House of Manila”, in Supreme, The Philippine Star, 22 de diciembre de 2018. Extraído de https://www.philstar.com/lifestyle/supreme/2018/12/22/1878743/last-call-hobbit-house-manila

7. Irmãos das Escolas Cristãs, 2014. A frágil esperança de uma testemunha: O Itinerário do Irmão Michel Sauvage. Conselho Internacional de Investigações e Recursos Lassalistas, Estudos Lassalistas nº 18, Roma, p. 525.

8. Neni Sta. Romana-Cruz, 2013, “Lipsticks today, books to follow” en Philippine Daily Inquirer, extraído de: https://opinion.inquirer.net/66413/lipsticks-today-books-to-follow#ixzz7yhmnIM7R

9. Janvic Mateo, 2017. “Lipstick, make-up kit sought for displaced Marawi teachers”, en The Philippine Star, 17 de junio de 2017, extraído de: https://www.philstar.com/headlines/2017/06/17/1711144/lipstick-make-kits-sought-displaced-marawi-teachers

10. Paul Weinfield, 2022. “Letting the Hero Die", en Science & Nonduality, 19 de diciembre de 2022. Extraído de: https://www.scienceandnonduality.com/article/letting-the-hero-die

lasalleorg

www.lasalle.org